

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO  
CURSO DE JORNALISMO

KAREM LOPES DE ANDRADE

**JORNALISMO EM DISTOPIA:  
O enquadramento da editoria de Tecnologia do El País Brasil e suas implicações nos  
usuários do Facebook**

Monografia

Mariana  
2021

KAREM LOPES DE ANDRADE

**JORNALISMO EM DISTOPIA:  
O enquadramento da editoria de Tecnologia do El País Brasil e suas implicações nos  
usuários do Facebook**

Monografia apresentada ao curso Jornalismo da  
Universidade Federal de Ouro Preto como  
requisito parcial para obtenção do título de  
Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Freire Pereira de  
Souza

Mariana  
2021

## SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

A553j Andrade, Karem Lopes De .  
Jornalismo em distopia [manuscrito]: o enquadramento da editoria de  
Tecnologia do El País Brasil e suas implicações nos usuários do Facebook.  
/ Karem Lopes De Andrade. - 2021.  
65 f.: il.: , gráf..

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Freire Pereira de Souza Souza.  
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.  
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .

1. Distopias. 2. El País (Brasil : Jornal). 3. Facebook (Rede social on-  
line) . 4. Tecnologia. I. Souza, Marcelo Freire Pereira de Souza. II.  
Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 070.4

Bibliotecário(a) Responsável: Essevalter De Sousa-Bibliotecário ICSA/UFOP CRB6a1407



## FOLHA DE APROVAÇÃO

Karem Lopes de Andrade

**Jornalismo em Distopia: o enquadramento da editoria de tecnologia do El Pais Brasil e suas implicações nos usuários do Facebook**

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo

Aprovada em 23 de abril de 2021

### Membros da banca

Prof. Dr. Marcelo Freire Pereira de Souza - Orientador (Universidade Federal de Ouro Preto)  
Profa. Dra. Debora Cristina Lopez - (Universidade Federal de Ouro Preto)  
Profa. Dra. Natália Moura Pacheco Cortez - (Universidade Federal de Ouro Preto)

Marcelo Freire Pereira de Souza, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 11/05/2021



Documento assinado eletronicamente por **Marcelo Freire Pereira de Souza, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 11/05/2021, às 11:16, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [http://sei.ufop.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **0169664** e o código CRC **9C0CABB1**.

## **AGRADECIMENTOS**

Meus pais, “Fia” e Nelson, são meus pilares neste mundo distópico e misterioso. A eles o meu agradecimento e amor infinito por compreenderem e apoiarem minhas escolhas de forma doce e harmoniosa. Também agradeço a meus queridos irmãos, Diego e Glauber, sempre presentes.

Agradeço aos meus padrinhos, Rose e Airton. Muito do que sou partiu de deles e tenho certeza do orgulho dos mesmos em mais essa etapa concluída.

Ao Mínimo, meu companheiro de vivências, agradeço pela paciência e estímulo. Com um amor desses, tudo fica mais fácil.

Agradeço também aos meus amigos: Isa, Sílvia, Drica e Érica por me fazerem acreditar em mim, André pelas revisões e sugestões feitas com muito afeto e Emily por ser a melhor companheira dessa graduação.

Ao Marcelo, meu orientador, sou grata por me mostrar e me estimular a traçar caminhos fantásticos de pesquisa.

“Que tragédia não acreditar na perfectibilidade humana!...  
- E que tragédia acreditar nela!”

*Bernardo Soares*

## RESUMO

Este trabalho busca compreender os enquadramentos trabalhados pelo portal El País Brasil em sua editoria de Tecnologia e seus efeitos na maneira em que são compreendidos pelo público. Com essa finalidade, três grandes grupos de texto foram apresentados enquanto *corpus* do estudo: as matérias sobre tecnologia no El País Brasil, os posts da fanpage no Facebook do jornal on-line e os comentários de usuários do Facebook nos posts citados. O trabalho apresenta uma análise de conteúdo dos textos a partir dos dados emergidos pelo IRaMuTeQ, um software de análise estatística de textos. Para realizar a pesquisa, o conceito de enquadramento proposto por Robert Entman foi utilizado, além das considerações de Mauro Porto, Robert Hackett e Luiz Augusto Campos. Também foi investigado o que é distopia, perpassando por seu histórico e significados. A partir desses estudos, foi possível identificar o recorte que o El País Brasil faz para apresentar fatos do âmbito tecnológico e as suas implicações nos usuários do Facebook. Os resultados encontrados demonstraram a predominância de assuntos relacionados a redes sociais, privacidade e líderes do setor tecnológico e de governos nacionais, além de sentimentos negativos advindos dos usuários do Facebook que leem as matérias ou seus posts de chamada.

**Palavras-chave:** El País Brasil, Facebook, enquadramento, tecnologia, distopia.

## ABSTRACT

This work aims to understand the media framings made by El País Brasil in Technology section and its effects on how they are comprehended by the public. For that purpose, three great groups of texts were presented as corpus: the reports about technology in El País Brasil, the posts on the portal's Facebook fanpage and the comments on Facebook posts. This study presents a content analysis from data emerged by IRaMuTeQ, a statistical software program for processing texts. In order to perform the research, it was used the concept of media framing proposed by Robert Entman and some studies of Mauro Porto, Robert Hackett and Luiz Augusto Campos. Distopy was also investigated in its history and concepts. From these studies, it was possible to identify the way El País Brasil shows technology facts as well as its implications on Facebook users. The results show the predominance of issues related to social networks, privacy and leaders in the technology sector and national governments. In addition, negative feelings of Facebook users were noticed.

**Keywords:** El País Brasil, Facebook, media framing, technology, distopy.

## LISTA DE ABREVIACÕES E SIGLAS

ANPD – Autoridade Nacional de Proteção de Dados

CEO – *Chief Executive Officer*

CHD – Classificação Hierárquica Descendente

CPF – Cadastro de Pessoas Físicas

$f$  – Frequência

IBM – International Business Machines Corporation

OAB – Ordem dos Advogados do Brasil

ST – Segmento de texto

$x^2$  – Qui quadrado

## LISTA DE FIGURAS

|  |    |
|--|----|
| Gráfico 01: Envolvimento dos usuários do Facebook na página do El País Brasil .....                    | 23 |
| Figura 01: Nuvem de Palavras dos textos do El País Brasil – Substantivos, adjetivos e verbos .....     | 25 |
| Figura 02: Nuvem de Palavras dos textos do El País Brasil – Substantivos .....                         | 26 |
| Figura 03: Nuvem de Palavras dos textos do El País Brasil – Adjetivos .....                            | 27 |
| Figura 04: Análise de Similitude dos textos do El País Brasil – Substantivos, adjetivos e verbos ..... | 28 |
| Figura 05: Dendrograma dos textos do El País Brasil – Substantivos, adjetivos e verbos .....           | 29 |
| Figura 06: Nuvem de Palavras dos posts do El País Brasil – Substantivos, adjetivos e verbos .....      | 36 |
| Figura 07: Nuvem de Palavras dos posts do El País Brasil - Substantivos.....                           | 37 |
| Figura 08: Nuvem de Palavras dos posts do El País Brasil – Adjetivos.....                              | 37 |
| Figura 09: Análise de Similitude dos posts – Substantivos, adjetivos e verbos .....                    | 38 |
| Figura 10: Nuvem de Palavras dos comentários no Facebook – Subst., adjetivos e verbos .....            | 40 |
| Figura 11: Nuvem de Palavras dos comentários no Facebook – Substantivos .....                          | 41 |
| Figura 12: Nuvem de Palavras dos comentários no Facebook – Adjetivos .....                             | 42 |
| Figura 13: Análise de Similitude – Substantivos, Adjetivos e Verbos .....                              | 43 |
| Figura 14: Dendrograma dos comentários no Facebook – Substantivos, adjetivos e verbos .....            | 44 |

## SUMÁRIO

|  |           |
|--|-----------|
| <b>1. INTRODUÇÃO.....</b>  | <b>11</b> |
| <b>2. ENQUADRAMENTO, MAL ESTAR E DISTOPIA.....</b>                               | <b>13</b> |
| <b>2.1. Enquadramento nos estudos de comunicação.....</b>                        | <b>13</b> |
| <b>2.2. Distopia como enquadramento: para além da ficção.....</b>                | <b>15</b> |
| <b>2.3. A sociedade de dados e o mal-estar .....</b>                             | <b>18</b> |
| <b>3. PESQUISA COM MÉTODOS DIGITAIS .....</b>                                    | <b>21</b> |
| <b>3.1. Humanidades digitais.....</b>  | <b>21</b> |
| <b>3.2. Metodologia.....</b>   | <b>24</b> |
| <b>3.2.1. O corpus digital .....</b>   | <b>24</b> |
| <b>4. ANÁLISES .....</b>   | <b>26</b> |
| <b>4.1. Análises nos textos das matérias do El País Brasil.....</b>              | <b>26</b> |
| <b>4.2. Análise das chamadas nos posts do Facebook do El País Brasil.....</b>    | <b>38</b> |
| <b>4.3. Análise dos comentários na página do Facebook do El País Brasil.....</b> | <b>41</b> |
| <b>5. COMPARAÇÃO DE RESULTADOS: INTERAÇÃO PÚBLICO E MÍDIA .....</b>              | <b>56</b> |
| <b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>  | <b>58</b> |
| <b>7. REFERÊNCIAS.....</b>   | <b>63</b> |

## 1. INTRODUÇÃO

Da mesma forma que podemos entender que um quadro tem a função primordial de delimitar um espaço de maneira que o foco não vá além de suas molduras, também é possível compreender que cada indivíduo enquadra a realidade e a atribui significado de acordo com suas experiências. O quadro é, então, uma estrutura que delimita as atividades no espaço e no tempo:

Eu entendo que as definições de uma situação são construídas de acordo com princípios de organização que governam eventos – aos menos os que são sociais – e o nosso envolvimento subjetivo. Enquadramento é a palavra que uso para referir a esses elementos básicos. (GOFFMAN, 1974, p.10, tradução nossa).

Essa potência também pode ser encontrada na mídia e é, claro, no Jornalismo. Ainda que tenha flertado com a Teoria do Espelho<sup>1</sup>, o Jornalismo pode ser entendido como uma moldura pela qual o público tem acesso a uma determinada realidade. Estudos com uma perspectiva de “*framing analysis*”, apresentada por Erving Goffman (1974), auxiliam na análise dos elementos que compõem o quadro jornalístico e na verificação de quais são os quadros dominantes para, a partir disso, ver o texto noticioso como uma construção simbólica que enquadra o real.

Essa pesquisa busca compreender o enquadramento que o Jornal El País faz em sua editoria de Tecnologia e que reflete em quadros distópicos verificados, reforçados ou mesmo negados por seu público que se manifesta em comentários na fanpage do Facebook.

Termo criado a partir de “utopia”, distopia recai em um significado pessimista sobre a vida, em que o totalitarismo é colocado em xeque, a tecnologia é uma vilã e os meios de comunicação servem como ferramenta de controle social. George Orwell e Aldous Huxley são hoje referências literárias no que se refere ao tema, tendo inclusive suas obras estudadas de forma que comparações entre a ficção e a realidade são realizadas na busca por uma compreensão sobre a contemporaneidade. Hoje, distopias continuam sendo exploradas na literatura e, principalmente, em produções audiovisuais. Há, no momento atual, uma preocupação com a possibilidade de a

---

<sup>1</sup> Como explica Nelson Traquina (2005, p.146) “é a teoria mais antiga e responde que as notícias são como são porque a realidade assim as determina”. Assim, o produto jornalístico seria visto como o espelho da realidade, apresentando de forma fiel os fatos.

realidade estar se transformando numa distopia, haja vista, por exemplo, a polêmica com os “fatos alternativos”<sup>2</sup>, o império das tecnologias e um certo mal-estar com a política.

Esse trabalho tem, dessa forma, o objetivo de auxiliar no entendimento da atualidade e, conseqüentemente, oferecer direções para uma visão mais coerente sobre o futuro que parta não apenas do discurso, mas também das práticas tecnológicas.

Para isso, a pesquisa de baseará na análise de conteúdo de três grandes grupos de textos, sendo eles: as matérias da editoria “Tecnologia” do portal El País Brasil; os posts das matérias no Facebook; e os comentários dos usuários do Facebook na fanpage do jornal on-line. Depois, uma comparação entre os resultados será mostrada buscando as similaridades e contrapontos entre os discursos.

A pesquisa está estruturada da seguinte forma: na seção 2, será apresentado a teoria que traz embasamento ao que chamaremos de quadros distópicos de nossa pesquisa; a seção 3 discorrerá sobre Humanidades Digitais e novos métodos de pesquisa na área de Ciências Humanas e Sociais, visto que este estudo partirá de métodos automatizados; na seção 4, a análise nos três grupos de textos será exposta e na Seção 5 será feita a consideração final do trabalho.

Esse processo analítico se apoia na análise de conteúdo que, a partir de uma análise quantitativa (em relação a frequência de ocorrência de determinados termos e referências nos textos), seguimos para um estudo qualitativo. Com essa finalidade, utilizaremos a ferramenta IRaMuTeQ, um software gratuito para análises de estatísticas textuais.

---

<sup>2</sup> Em 2017, a Conselheira do Presidente dos Estados Unidos da América, Kellyanne Conway, defendeu uma declaração falsa de Sean Spicer, Porta-voz da Casa Branca, afirmando que o mesmo havia fornecido “fatos alternativos”. A fala ganhou notoriedade e suscitou discussões.

## 2. ENQUADRAMENTO, MAL ESTAR E DISTOPIA

Apresentaremos a seguir o embasamento teórico de nossa pesquisa. Iniciaremos explicando o conceito de enquadramento e sua aplicação nos estudos de comunicação. Depois, buscaremos compreender o que é distopia para, por fim, discorrermos sobre mal-estar e a sociedade em que vivemos, a sociedade de dados.

### 2.1. Enquadramento nos estudos de comunicação

O conceito de “enquadramento” não tem sua origem nos estudos de comunicação, mas nas áreas de Psicologia Social e Sociologia durante os anos 1970. Pensada inicialmente de forma estruturada por Erving Goffman, a teoria influenciou diversas linhas de pesquisa e desencadeou mudanças nas formas de se pensar as experiências dentro das Ciências Humanas e Sociais.

Goffman sistematizou seu pensamento no livro “*Frame Analysis: an essay on the organization of experience*” de 1974, que tinha, como ideia central, a perspectiva de que cada indivíduo tem uma experiência que é um resultado da maneira como ele enquadra a realidade. O autor orienta suas reflexões para o que chama de “quadro”, um conceito amplo e complexo que se explica por delimitar atividades no espaço e no tempo enquanto delas se extrai algum sentido. O quadro é, então, uma estrutura cognitiva e subjetiva utilizada pelo indivíduo para a atribuição de significados aos objetos e acontecimentos.

Desde os anos 1980, o conceito de enquadramento vem sendo utilizado nos estudos relacionados à mídia e, mais especificamente, ao jornalismo, sendo a socióloga Gaye Tuchman (1978) uma grande contribuidora. Em seu livro, “*Making News*”, a autora explica que as notícias apresentam um caráter construtivo da realidade ao enquadrá-la. Mas é só na década de 1990 que Robert Entman começa a delinear um esforço de uniformização do conceito para os estudos em comunicação. Para Entman, mensagens jornalísticas definem problemas, diagnosticam causas, fazem julgamentos morais e sugerem soluções:

Enquadrar é selecionar alguns aspectos das realidade percebida e fazê-los mais salientes em um texto comunicativo de forma que promova a definição de um problema específico, uma interpretação de causa, uma avaliação moral e/ou uma recomendação de tratamento para um aspecto descrito. (ENTMAN, 1993, p.52, tradução nossa).

A aproximação dos estudiosos de mídia da teoria do enquadramento também se explica pela busca de afastamento de ideias pregressas como a da “teoria hipodérmica dos meios de comunicação”, corrente que apresentava uma visão de que o receptor é apático e passivo às mensagens midiáticas. Aliado a essa ideia, está o enfoque tradicional de “mídia”, que a defende enquanto fonte de informação imparcial e objetiva, um conceito problemático por apresentar uma limitação no sentido em que torna invisíveis diversos aspectos da relação mídia e política (PORTO, 2002, p.2).

O enquadramento vem, então, como uma alternativa ao paradigma da objetividade e se mostra como um suporte teórico para investigações sobre como a mídia pode desempenhar um papel político e ideológico a partir de uma certa parcialidade (HACKETT, 1993).

Em meio aos estudos de mídia, a teoria se relacionou a outra chamada “agenda setting”, ou agendamento, que foi criada para também ultrapassar as deficiências de um paradigma que defendia a imparcialidade e objetividade dos meios de comunicação. Assim, dois níveis conceituais se manifestaram: o primeiro diz respeito “sobre o que o público pensa” (agendamento) e o segundo se refere a “como o público pensa” (enquadramento) (PORTO apud McCOMBS; SHAW, 1972, p.177).

O enquadramento que inicialmente viria como um complemento do agendamento, passou por complicações conceituais, uma vez que foi utilizado como uma extensão daquele, tendo as saliências de seu tema como uma influência na interpretação da audiência. Essa condição levou, inclusive, a teoria do enquadramento ser usada como sinônimo de “agenda-setting”.

Ainda que a teoria em questão tem atingido, desde os anos 1980, proeminência nos estudos de comunicação, ela ainda ocupa um lugar que aponta para um estágio inicial de paradigma. Sua definição é fluida e os estudos não apresentam técnicas que se mostram claras em relação ao enquadramento. Ainda assim, é possível perceber aspectos principais que norteiam a definição de “enquadramento” em pesquisas de comunicação, uma vez que, de modo geral, pesquisadores o entendem como ângulo de abordagem. Sobre isso, Luiz Augusto Campos afirma:

Embora amplamente empregada, tal rotina costuma levar à construção de tipologias de enquadramentos a partir de parâmetros mais ou menos arbitrários que, não raro, expressam mais a forma como um investigador “enquadra” uma temática do que o modo como os atores estudados o fazem. De fato, é impossível para um estudioso identificar enquadramentos midiáticos sem projetar em alguma medida suas próprias perspectivas sobre o conteúdo estudado. (CAMPOS, 2014, p.378).

Para o autor, essa problemática de identificação de enquadramentos pode ser solucionada conferindo maior objetividade e utilizando procedimentos minimamente explicitados. O mesmo afirma que ferramentas digitais e técnicas informáticas podem auxiliar nesse trabalho de busca pela objetividade, já que oferecem uma análise quantitativa. Contudo, é importante que isso seja feito de maneira que não se automatize completamente o processo, ou seja, ainda é necessário um escrutínio intersubjetivo de aspecto qualitativo.

Porto (2002) especifica dois tipos de enquadramento: noticiosos e interpretativos. O último se apresenta como padrões de interpretação a partir da avaliação particular de temas e eventos e pode ser feito por atores sociais diversos. O primeiro tipo, noticiosos, é definido pelo autor como “padrões de apresentação, seleção e ênfase utilizados por jornalistas para organizar seus relatos” (Porto, 2002, p.15.)

Para o nosso trabalho os dois tipos de enquadramento serão evidenciados, uma vez que as matérias trarão um recorte do que é abordado pelos profissionais da notícia, além do envolvimento subjetivo sobre os assuntos expostos feitos por quem lê as matérias ou textos de *posts*. Assim, poderemos observar o que é de maior relevância para os dois grupos.

## **2.2. Distopia como enquadramento: para além da ficção**

Para se compreender a ideia de distopia, que está presente neste trabalho enquanto objeto de enquadramento, faz-se necessário primeiramente entender o que está subjacente a ela, como elemento anterior, ou seja, o ideal utópico.

Na história da humanidade, é recorrente a idealização de um lugar e de uma organização em que perfeição, prosperidade e paz fazem parte da vida social. Alexander Meireles da Silva (2003) afirma que é possível perceber esse ideal desde que os sumérios criaram a mítica terra de Dilmum – um espaço de morada dos deuses com jardins exóticos e perfeitos.

Silva (2003, p. 3) também conta que “A República” (367 a.C.) e “As Leis” (347 a.C.) de Platão apresentaram as primeiras idealizações de sociedade organizadas sistematicamente na escrita. Mas foi só em 1516, com a publicação de “Utopia” de Thomas More que se iniciou um período de ficção onde era recorrente descrever mundos perdidos, com campos elísios e contemplados pela perfeição. Daí que o termo “utopia” veio a ser usado para descrever um tipo de literatura.

A etimologia de “utopia”, cunhada por More, revela uma derivação da palavra grega *topos* (lugar), adicionada de dois prefixos também gregos: *eu* (bom ou positivo) e *ou* (não), ou seja, um local que era ao mesmo tempo, ‘o lugar bom’ e ‘o lugar que está em lugar algum’. (SILVA, 2003, p. 3) Em seu livro, More visava criticar a situação política da Inglaterra ao mesmo tempo em que indicava a razão e a ciência como caminhos para grandes feitos à humanidade.

Nesse sentido é que a Revolução Industrial criou novos modos de produção e reorganizou a vida social e geográfica, elevando a ciência a um tipo de instrumento que levou a sociedade a uma nova era. Ainda, o cientificismo colocou no futuro o *topos* para a realização efetiva da humanidade e a pressuposição de conhecimento e prática para resolver problemas. (NUNES, 2011, p.08)

Essa nova condição foi levada para a literatura que, perpassando por autores como Mary Shelley, Jules Verne e H. G. Wells, expressa a admiração ou o medo do progresso. Assim nasce a Ficção Científica que, para Rodrigues (2012, p.48) ocorreu em 1895 com a publicação de “*Time Machine*” de H. G. Wells. Para outros estudiosos o nascimento da Ficção Científica está em “*Frankenstein*” de Mary Shelley.

Na primeira metade do século XX, surge uma literatura de ficção científica que coloca em pauta a tecnificação do homem. Romances como “Nós” de Yevgeny Zamyatin na Rússia, “Admirável Mundo Novo” de Aldous Huxley e “1984” de George Orwell no Reino Unido criticam o projeto científico com pessimismo em relação à vida individual e social. Outro ponto em comum entre essas obras são os cenários opressores criados pelo Estado.

Na atualidade, produções literárias e audiovisuais com um viés distópico tem se destacado na escolha do público, como é o caso da franquia “Jogos Vorazes” (2008) que já gerou US\$2,968 bilhões em faturamento, da série de televisão baseada em livro homônimo “*The Handmaid’s Tale*” (1985) com oito prêmios *Emmy* do *Primetime* e da série de televisão “*Black Mirror*” (2011), que recebeu o prêmio de Melhor Filme/Minissérie da TV no *International Emmy Awards*. Essas produções de sucesso têm algo em comum – fazem parte do gênero ficção científica. Segundo Carlos Alberto Machado (2013, p.2), a procura pelo gênero se explica, em grande parte, pelos seus efeitos especiais e pela forte atração que narrativas sobre o futuro exercem sobre o público.

Segundo Darko Suvin, a “utopia” pode ser definida como “a construção de uma comunidade singular onde instituições sociopolíticas, normas e relações entre as pessoas estão organizadas de acordo com um princípio radicalmente diferente que o da comunidade do autor”

(SUVIN, 2015, p.469). Dessa forma, utopia não significa, necessariamente, um “lugar bom”. Suvin subdivide utopia em eutopia e distopia. Eutopia se apresenta enquanto a construção de uma sociedade organizada de acordo com um princípio “mais perfeito” que a sociedade do autor. Já distopia é a construção de uma sociedade organizada de acordo com um princípio radicalmente “menos perfeito” que a sociedade do autor. É a partir desta definição de Suvin que trabalharemos o conceito de “distopia” neste trabalho.

Este trabalho busca também investigar a relação do presente e da realidade com a distopia. Isso pode se explicar a partir do que Júlio Bentivoglio (2019, p.93) discorre sobre a consciência histórica contemporânea. O autor, baseado nas reflexões de Hans Ulrich Gumbrecht e François Hartog, afirma que:

... há uma expansão radical do presente, que prescindindo da experiência do passado transformando-a e que se projeta em direção ao futuro, encurtando-o. Isso significa que o horizonte de expectativas, os projetos, as esperanças ou a abertura do porvir se encurtaram de tal modo que aquelas imagens e narrativas do passado que apresentavam o futuro como algo aberto e bem-vindo deram lugar ao ceticismo e ao temor que faz com que ele não seja mais desejado como era nos séculos 19 ou 20. As representações do futuro como um espaço aberto de expectativas, ou de aperfeiçoamento necessário têm dado lugar a um receio no qual o presente não mais se projeta adiante, mas, ao contrário, que mergulha cada vez mais nas experiências atuais e em sua exacerbação. (BENTIVOGLIO, 2019, p.93).

É assim que é possível relacionar o conceito de distopia com as narrativas do jornalismo e seus impactos no público. Para pensar na temporalidade do presente, podemos partir da etimologia de “distopia” que, assim como “utopia”, apresenta o radical grego *topos*. Já o prefixo *dys* indica, ao mesmo tempo, dualidade e mau estado. O termo “distopia” pode ser visto, assim, como um lugar deslocado, um “deslugar”.

Para além disso, não podemos ignorar que os primeiros a usarem o termo “distopia” foram Gregg Webber e John Stuart Mill em 1868 num discurso do Parlamento Britânico:

É, provavelmente, demasiado elogioso chamá-los utópicos; deveriam em vez disso ser chamados distópicos. O que é comumente chamado utopia é demasiado bom para ser praticável; mas o que eles parecem defender é demasiado mau para ser praticável”. (MILL, 1868, Parlamento Britânico<sup>3</sup>).

---

<sup>3</sup> COMMONS AND LORDS LIBRARIES. Transcrição de discurso de John Stuart Mill. Coluna 1, 1517.1, 1868. Disponível em: <https://api.parliament.uk/historic-hansard/commons/1868/mar/12/adjourned-debate>. Acesso em 14 de março de 2021.

Essa é uma definição comum de distopia que, como Mill, a considera uma utopia ao contrário. Entretanto, como bem explica Bentivoglio (2019, p.96), a consideraremos como “um *deslugar*, que não se encontra exatamente no futuro, mas, que pode estar em qualquer lugar, inclusive no presente e no passado”.

As narrativas jornalísticas que trabalharemos aqui tem, dessa forma, o presente como o seu *deslugar*, cerceado por ideias pessimistas sobre a tecnologia. Desse modo, poderemos ver quadros distópicos que criam reações desconfiadas das capacidades científicas e tecnológicas que serão úteis para uma compreensão das crises contemporâneas.

Buscaremos analisar os quadros tendo em vista a definição de distopia de Suvin (2015 p.93), as problemáticas de Bentivoglio (2019, p.469) sobre a consciência histórica contemporânea, e os elementos básicos das distopias de ficção científica mostrados nesta seção – controle e vigilância, tecnificação do homem e descrença na ciência.

### **2.3. A sociedade de dados e o mal-estar**

Para garantir sua sobrevivência, o homem se serve de técnicas que satisfazem suas necessidades e auxiliam na evolução de sua organização social. Ao entendermos que a tecnologia é esse conjunto de técnicas que facilitam a vida humana, compreendemos também que ela é algo que sempre esteve presente entre os povos, mesmo os mais primitivos.

A definição de tecnologia é muitas vezes ampla e, como bem explica a etimologia do termo que tem origem no grego, envolve “arte”, “ofício” e “estudo de algo”. A tecnologia vai muito além de um processo computadorizado para abarcar também ferramentas básicas como uma faca.

No campo da evolução da tecnologia, o momento em que vivemos pode ser chamado de “*computational turn*” e, antes de ser algo muito recente, teve seu início nos anos 1950 e permanece imbatível até os momentos atuais (SHÄFER; VAN ES, apud BERRY, 2017, p.13). Presenciamos uma sociedade de dados em que todos os aspectos da vida humana são transformados em dados quantificados. Como afirmam Shäfer e van Es, “como o lado social é muito explorado, seus dados são usados para prever o comportamento humano e automatizar os processos de tomada de decisão.” (2017, p.13, tradução nossa).

Nos deparamos, assim, com o “*big data*” que é definido como um “grande volume de dados complexos que podem ser processados por sistemas informáticos com grande capacidade de processamento” (RODRIGUES e DIAS, 2016, p. 224). O fenômeno pode ser melhor compreendido com a classificação dos 5Vs (volume, velocidade, variabilidade, veracidade e valor) que Bernard Marr (2015) traz para os dados.

“Volume” diz respeito à grande quantidade de dados que são gerados a cada segundo; “velocidade” se relaciona com a rapidez em que os dados são gerados e movimentados na rede; “variabilidade” se refere à diversidade de tipos de dados que são estruturados nos seus diversos formatos como fotos, vídeos e mensagens; “veracidade” diz respeito à confiabilidade ou desordem dos dados, uma vez que a grande quantidade deles leva a um descontrole de seus movimentos; por fim, “valor” é a capacidade de transformar dados em algo que seja valioso para os negócios.

Tais categorias vão de encontro com o que Stuart Hall (2006) procurou demonstrar sobre o sujeito da pós-modernidade que seria, segundo ele, descentrado, fragmentado e composto por várias identidades. Assim, num mundo em que dados digitais são complexos e marcados pela mobilidade e variedade, também o são as identidades.

Durante o século XX, a psicanálise buscou compreender a psique humana com estudos essencialmente sobre o inconsciente. Para além disso, Sigmund Freud (1992) que criou o campo clínico pôde também contribuir com estudos relacionados ao âmbito social. Ao pensar seu tempo, Freud entendeu que a modernidade é beleza, limpeza e ordem, e a sociedade vivia numa busca para eliminar a poluição, aquilo que está fora do lugar. Na busca pela ordem, está a busca por um mundo estável.

Mas para que esse intento se realize, é preciso se abdicar de desejos e do prazer. Numa polarização entre civilização e sexualidade, existe o princípio da realidade que acaba por adiar o princípio do prazer. Em outras palavras, as demandas socioculturais nos impedem de desfrutar o prazer. A modernidade, marcada por várias transformações, se apresenta como um aparato social que proporciona segurança em detrimento de nossos desejos pelo prazer (FREUD, 1920). Daí prevalece na civilização um desconforto mesmo em meio a todo o desenvolvimento científico e tecnológico. As promessas da modernidade não culminaram na prometida felicidade. À essa angústia, Freud chamou de “mal-estar”.

Zygmunt Bauman (1998) complementou as observações de Freud redirecionando as consequências clínicas para o âmbito social. Ao pensar a modernidade, Bauman afirma que a ideia de um “mundo bom” está ancorada em ideias de estabilidade:

As utopias modernas diferiam em muitas de suas pormenorizadas prescrições, mas todas elas concordavam em que o ‘mundo perfeito’ seria um que permanecesse para sempre idêntico a si mesmo, um mundo em que a sabedoria hoje aprendida permaneceria sábia amanhã e depois de amanhã, e em que as habilidades adquiridas pela vida conservariam sua utilidade para sempre. O mundo retratado nas utopias era também, pelo que se esperava, um mundo transparente – em que nada de obscuro ou impenetrável se colocava no caminho do olhar; um mundo em que nada estragasse a harmonia; nada ‘fora do lugar’; um mundo sem ‘sujeira’; um mundo sem estranhos (BAUMAN, 1998, p. 21).

Ao conduzir suas teorias para a pós-modernidade, Bauman (2001) afirma que o homem pós-moderno vive numa sociedade líquida em que as relações interpessoais são fragilizadas, há instabilidade e falta de consolidação de rotinas e hábitos. Esse cenário de vida inconstante traz ao homem um desconforto e mal-estar, e lhe faz ter anseio pelo consumo.

Diante de novas configurações no cotidiano, o homem é também coisificado e transformado em produto do modelo econômico dentro de processos de dispositivos de vigilância digital pouco visíveis, mas que tem entrado em pautas de discussões políticas e sociais. Fernanda Bruno define “vigilância digital” como “monitoramento sistemático, automatizado e à distância de ações e informações de indivíduos no ciberespaço, com o fim de conhecer e intervir nas suas condutas ou escolhas possíveis” (BRUNO, 2008, p. 11).

Focando a vigilância digital, Bruno identifica processos constitutivos que ocorrem desde o século XVII, em sistemas de vigilância disciplinar, e que tem sua continuidade se apoiando em facilidades nos mecanismos automatizados. Tais processos se somam em quatro estruturas, sendo a primeira a de mecanismos de coleta, monitoramento e arquivamento de informações. Até os anos de 1970, tanto a coleta quanto o arquivamento de dados individuais eram de domínio estrito e secreto dos Estados e exercido por autoridades. Hoje, estão autorizados a coletar, em sua maioria, os quem tem interesse e recursos técnicos e financeiros. Dados relevantes são os que são móveis e circunstanciais, em detrimento dos relativamente estáveis (BRUNO, 2008, p.12.)

O segundo processo se relaciona com os sistemas de classificação e conhecimento de dados, que levam a uma maior compreensão sobre a realidade e permite governar condutas. Com a geração de perfis, padrões são extraídos com alguma homogeneidade. Bruno explica que perfis não representam uma média de um fator na população:

Diferentemente, os perfis encarnam múltiplas micro-regularidades no seio de inúmeras variáveis heterogêneas e, de modo algum, apresentam-se como regulamentos. A divisão norma/desvio não se aplica aos perfis, pois eles são padrões resultantes de combinatórias e regras associativas de tipo não valorativo entre muitas variáveis, podendo ser aplicáveis a potencialmente todas as qualidades e comportamentos humanos. O perfil não é nem uma medida nem um valor, mas um padrão de ocorrência de um certo fator (comportamento, interesse, patologia) num dado conjunto de variáveis. As médias e normas eram a referência comum das massas; os perfis são as micro-regularidades dos nichos, tribos, grupos. (BRUNO, 2008).

Os procedimentos de individualização e produção de identidades fazem parte do quarto processo da vigilância digital e tem os bancos de dados como máquinas identitárias. O perfil é visto, então como “simulações de identidades” e “padrões estimativos que antecipam potencialidades – preferências potenciais de consumo, valor econômico potencial, tendências e inclinações comportamentais, capacidades profissionais, doenças virtuais.” (BRUNO, p.14, 2008)

Por último, o quarto processo abarca o controle sobre as ações e escolhas dos indivíduos. O perfil, que simula identidades, também anuncia capacidades performativas que buscam ser estratégicas em diversos setores. As simulações agem sobre o campo de ações dos indivíduos e oferece a eles cenários, produtos, riscos, interesses e tendências que incitam ou inibem comportamentos (BRUNO, 2008, p.15).

### **3. PESQUISA COM MÉTODOS DIGITAIS**

Nossa pesquisa parte de uma metodologia automatizada e, para entendermos melhor como e principalmente porque isso acontece, discorreremos sobre as Humanidades Digitais, apresentando seu histórico e utilidade. Posteriormente, demonstraremos a metodologia escolhida para este estudo.

Ainda nesta seção, apresentaremos a origem de nosso corpus, que advém de espaços digitais.

#### **3.1. Humanidades digitais**

Por volta de 1949, o padre italiano, Robert Busa, trabalhou na indexação de todo o trabalho de São Thomás de Aquino e outros autores, totalizando 11 milhões de palavras em latim medieval.

Com o suporte da *International Business Machines Corporation* (IBM), Robert Busa criou a primeira experiência de computação aplicada aos estudos linguísticos com a possibilidade de identificação das raízes das palavras, ou seja, lematização. O padre é hoje conhecido como o pai do hipertexto.

A partir dos anos 1960, pesquisadores começaram a perceber os benefícios da computação para seus estudos. O advento dos computadores tornou possível análises de frequências de palavras de uma forma mais abrangente e mais acurada que um ser humano poderia fazer. A década também serviu como um momento de estabelecimento de alguns centros dedicados ao uso de computadores nas humanidades. Os anos 1980 e 1990 trouxeram novas tecnologias, como o computador pessoal, a internet e o *e-mail* eletrônico, possibilitando experiências diferenciadas aos pesquisadores. (HOCKEY, 2004)

Hoje são vários os centros de pesquisa, associações e institutos que, sob o rótulo de Humanidades Digitais, trabalham com um tipo de investigação que se beneficia da revolução digital e da colaboração transdisciplinar. Por se tratar de um modo de pesquisa recente, a busca por uma definição para “Humanidades Digitais”, se tornou, como afirma Matthew G. Kirschenbaum (2010, p.55), um gênero à parte – são muitos os textos que trabalham o tema e trazem definições.

Em 2010, na ocasião da conferência *ThatCamp*, foi lançado o “Manifesto das Humanidades Digitais”, que se apoia em três pilares para uma definição. O primeiro é ancorado no fato da digitalização no mundo, que propiciou a alteração dos modos de produção e modificou a divulgação do conhecimento. O segundo esclarece que os paradigmas do passado não são ignorados ou negados em virtude de um novo modo de pesquisa, antes, que continuam sendo mobilizados. Por último, o manifesto considera as “Humanidades Digitais” como uma transdisciplina no domínio das Ciências Humanas e Sociais.

Para Anne Burdick et al. a definição é estabelecida da seguinte maneira: “Humanidades Digitais se refere a novos modos de pesquisa, ensino e publicações para unidades institucionais de estudo” (BURICK et al., 2012, p. 122, tradução nossa). Os autores destacam ainda que o simples uso de métodos digitais não qualifica as Humanidades Digitais, nem mesmo o mero estudo de novas mídias em detrimento das antigas. O objeto seria a humanidade por inteiro, da pré-história ao presente.

Ao observarmos os trabalhos das Humanidades Digitais, percebemos que textos tem sido um interesse central de pesquisadores. A utilização de um processo de análise chamado de mineração de textos tem atraído não apenas cientistas, como também empresas que procuram um bom posicionamento no mercado. A mineração de textos, como explica Gonçalves, “é uma subárea da mineração de dados interessada no desenvolvimento de técnicas e processos para a descoberta automática de conhecimento valioso a partir de coleções de documentos de texto.” (GONÇALVES, 2012, p. 32).

As possibilidades desse tipo de mineração são variadas. É possível classificar textos, agrupá-los de acordo com similaridades, extrair informações específicas, descobrir combinações de palavras que ocorram com muita frequência, analisar sentimentos, criar correspondências semânticas, localizar informações relevantes, etc.

Outro interesse recorrente entre os pesquisadores em Humanidades Digitais está no estudo de redes sociais *on-line* para se entender padrões sociais. As redes sociais, sejam elas *off-line* ou *on-line*, são metáforas para a estrutura de agrupamentos sociais, onde se percebe relações e atores do tecido social. As redes sociais que têm seu lugar na Internet, tem seus rastros mais visíveis que redes sociais *off-line*, além de serem representadas em suportes como sites (RECUERO, 2015, p.23). Chamada de Análise de Redes Sociais, tal estudo apresenta elementos básicos provenientes da teoria dos grafos, ramo da Matemática e da Sociometria e ferramenta para o estudo de interações entre grupos.

Recuero vincula as redes sociais à opinião e esfera pública, especialmente pela facilidade técnica em produzir e reproduzir mensagens intermediando múltiplas relações:

Os sites de rede social, com isso, podem ser compreendidos como elementos ampliadores da esfera pública que proporcionam um espaço onde, além da socialização, os atores podem expressar e reproduzir opiniões políticas e ideias que contribuem para o debate público. [...]. Essa rede de opiniões e comunicações, contudo, não é necessariamente fática e permeia tanto posições explícitas quanto arranjos tácitos. (RECUERO, 2015, p. 35).

Em suas diferentes visões e versões, as Humanidades Digitais congregam a uma metodologia que compreende o digital como um fator que modifica as formas de se olhar o mundo, para entendê-lo e altera as formas de se fazer pesquisa quando o âmbito é o da Ciências Sociais e Humanas.

## **3.2. Metodologia**

Nosso método de pesquisa se apoia no que as Humanidades Digitais trouxeram para os estudos de comunicação. Considerando a mineração de texto, a metodologia se dará por três fases. A primeira é a coleta e tratamento do nosso corpus que é detalhado da seguinte maneira:

- 63 textos de matérias da editoria denominada “Tecnologia” do portal do El País Brasil. Tais textos se referem ao período de 10 de março de 2020 a 09 de março de 2021. A escolha se deve por sua popularidade vista nos comentários do Facebook e pela aproximação com o tema distopia;

- 63 textos dos posts referentes aos textos das reportagens da editoria “Tecnologia”;
- textos dos comentários dos usuários do Facebook nos posts referentes às matérias da editoria “Tecnologia”.

O tratamento acontecerá a partir do processamento automatizado da ferramenta IRaMuTeQ, um software livre para análises estatísticas de textos. Tal ferramenta foi escolhida por facilitar o estudo de grandes volumes de textos e permitir a quantificação de variáveis originadas nos mesmos textos. Usamos os seguintes recursos: Nuvem de Palavras, Análise de Similitude e Classificação Hierárquica Descendente (CHD), que possibilitam a análise lexical de nosso corpus ao mostrar o contexto em que as palavras ocorrem. Deixamos os substantivos, adjetivos e verbos ativos para o processamento de textos por carregarem maior carga semântica, o que não seria possível com preposições e conjunções, por exemplo.

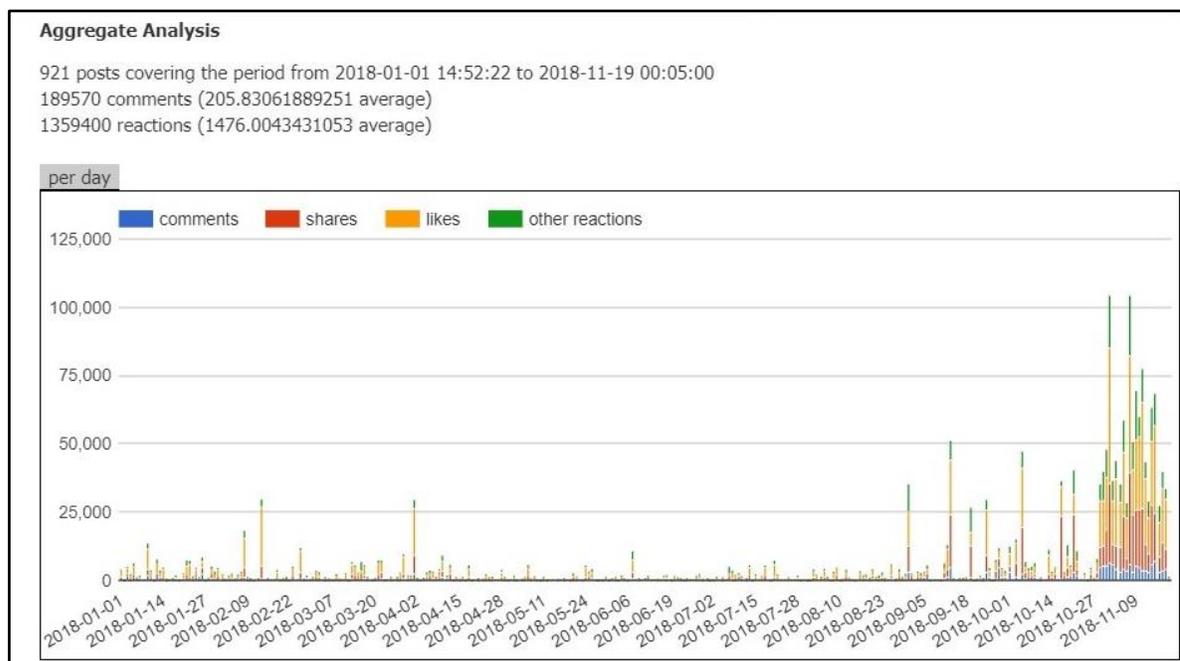
Na segunda fase, será feita uma análise de conteúdo dos resultados apurados pela ferramenta em cada um dos três grupos de textos, sempre com uma demonstração por meio de imagens e gráficos. As unidades de registro da análise partiram de Segmentos de Textos (STs) que são dados pelo IRaMuTeq e que serão explicitados mais adiante.

Na última e terceira fase, as análises de cada um dos grupos de textos serão confrontadas para entender a relação do enquadramento do jornal com a recepção dos usuários do Facebook.

### **3.2.1. O corpus digital**

O El País é um jornal de origem espanhola, fundado em 1976 e de propriedade do grupo PRISA. Em 26 de novembro de 2013, o grupo criou uma versão em português, o El País Brasil,

com uma equipe de jornalistas brasileiros e espanhóis. Dentre as edições do jornal, a versão em português é a segunda mais lida do mundo<sup>4</sup>.



**Gráfico 01:** Envolvimento dos usuários do Facebook na página do El País Brasil.

**Fonte:** Netvizz

O Gráfico 01 foi elaborado a partir de um aplicativo para Facebook que permitia extrair dados de contas de usuários, páginas e grupos e que hoje está desativado. Podemos observar que no período de 01 de janeiro de 2018 a 19 de novembro de 2018, o índice de comentários, compartilhamentos, curtidas e outras reações, teve um aumento repentino que se iniciou em setembro do mesmo ano. Atualmente, a página do El País tem mais de 5 milhões de curtidas, enquanto a do El País Brasil já apresenta mais de 1 milhão.

O jornal tem editorias variadas, e a escolhida para o trabalho é a de Tecnologia, por sua popularidade vista nos comentários do Facebook e pela aproximação com o tema distopia. Da editoria, foram selecionadas 63 matérias.

O Facebook foi criado pelo então estudante da Universidade de Harvard, Mark Zuckerberg, e três amigos – Eduardo Saverin, Chris Hughes e Dustin Moskovitz. Hoje, o site é a maior rede social do mundo, além de ser uma empresa dona de duas outras redes sociais, o Whatsapp e o

<sup>4</sup> EL PAÍS Brasil completa cinco anos com recorde de audiência. El PAÍS Brasil, 26 de novembro de 2018. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2018/11/26/politica/1543240879\\_773429.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/11/26/politica/1543240879_773429.html)>. Acesso em 14/03/2021.

Instagram. Em 2020, o Facebook valia mais de 3 trilhões de reais e tinha quase 3 bilhões de usuários ativos. Além do pretendido impacto social, a empresa também traz impactos políticos e emocionais.

#### 4. ANÁLISES

Partiremos agora para a aplicação da pesquisa nos três grandes grupos de texto: matérias da editoria de Tecnologia do El País Brasil, posts no Facebook da *fanpage* do El País Brasil e comentários dos usuários do Facebook nos posts do portal.

A pesquisa será realizada com o apoio de três análises do IRaMuTeQ: Nuvem de palavras, Análise de Similitude e Classificação Hierárquica Descendente (CHD). É importante salientar que o IRaMuTeQ divide o texto do *corpus* em segmentos de texto (ST) que correspondem a mais ou menos três linhas. Esses trechos surgem do texto particionado em classes hierárquicas que compartilham o mesmo vocabulário e são considerados “ambientes de palavras”.

Nas Nuvens de Palavras, os dados dos textos são representados visualmente, de forma que os termos mais proeminentes do texto são mostrados em fontes de tamanho maior. Nessa análise é feita uma contagem simples das ocorrências de determinadas palavras.

A Análise de Similitude, baseada na teoria dos grafos, identifica coocorrências entre palavras do corpus textual e, assim, permite entender a estrutura de construção do texto indicando a conexão entre palavras.

Na CHD, os STs e seus vocabulários são correlacionados por semelhança para formar um esquema hierárquico de classes, o dendrograma, a partir do teste do Qui quadrado  $> 3 (x^2)$ .

##### 4.1. Análises nos textos das matérias do El País Brasil

O *corpus* foi constituído por 63 textos separados em 1.953 segmentos de textos (ST). Emergiram 70.214 ocorrências (palavras, formas ou vocábulos), sendo 10.945 palavras distintas e 5.988 com uma única ocorrência.

Para início de análise das matérias da editoria de Tecnologia do portal El País Brasil, optamos por um simples indicador de frequência de palavras que pode ser visualizado em forma









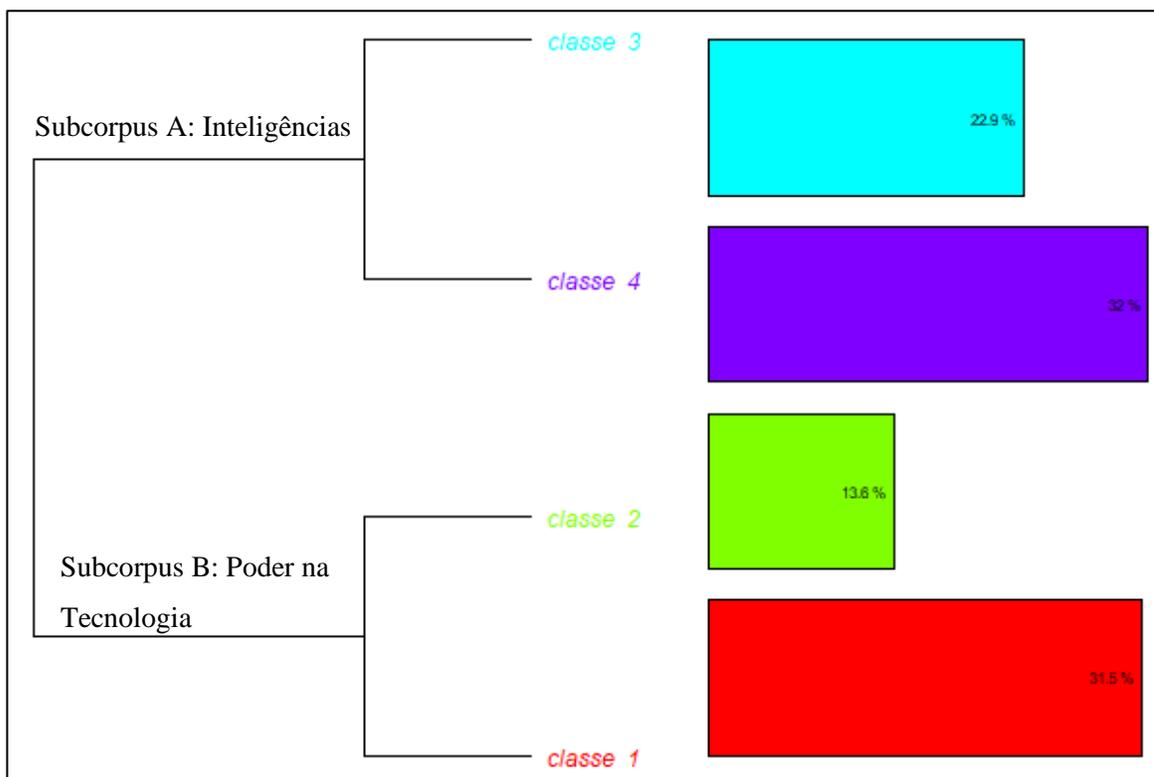
proativas e afirmativas. Por outro lado, “usuário”, que carrega em seu significado a ideia de ser ativo na utilização de algo não apresenta verbos, mas substantivos relacionados à economia como “real”, “dólar” e “milhão”. A análise de similitude revela aspectos fundamentais para a compreensão da cobertura do El País Brasil: a consideração de empresas enquanto autoridades que “dizem”, “afirmam” e “permitem” e a colocação do ser humano em meio a negócios que geram impactos na economia.

Ainda, o termo “usuário” aparece relacionado a aspectos financeiros ou ao avanço de aplicativos. O Facebook é associado às compras, à integração de plataformas e à privacidade de dados.

A próxima análise escolhida da ferramenta IRaMuTeQ foi a Classificação Hierárquica Descendente (CHD), que segmenta textos e seus vocabulários para formar um esquema hierárquico de classes de vocabulário. Desta forma, poderemos deduzir o conteúdo do corpus por inteiro, nomear suas classes e entender os grupos de ideia que surgem.

Mantivemos ativos os substantivos, adjetivos e verbos para a análise. Foram aproveitados 1.808 segmentos de textos (ST) do total de 1.953, totalizando 92,58% de STs. Emergiram 70.214 ocorrências de palavras, sendo 10.945 palavras distintas. O conteúdo analisado foi categorizado em quatro classes: Classe 1 (31,5%), Classe 2 (13,6%), Classe 3 (22,9%) e Classe 4 (32%), como mostra a Figura 05.

As quatro classes se encontram subdivididas em duas ramificações, A e B. O subcorpus A, denominado “Inteligências artificiais”, é composto pela Classe 1 - “Algoritmos e Internet”, que se refere à inovação em tecnologia, e pela Classe 2 - “Dados e privacidade”, que se refere à vazamentos de informações e hackeamento. O subcorpus B, “Poder na tecnologia”, contempla discursos da Classe 3 - “Autoridades e redes sociais”, com informações sobre embates de liberdade de expressão e uso de redes sociais por líderes, e da Classe 4 - “Governos Nacionais e regulamentações tecnológicas”, que se refere às movimentações econômicas no âmbito da tecnologia, bem como seus impactos para a administração pública. A seguir, analisaremos cada uma dessas classes



**Figura 05:** Dendrograma dos textos do El País Brasil – Substantivos, adjetivos e verbos

**Fonte:** IRaMuTeQ

### ***Subcorpus A – Inteligências Artificiais***

#### ***Classe 1 - Algoritmos e Internet***

Compreende 31,53% ( $f = 570$ ) do corpus analisado. Constituída por palavras no intervalo entre  $x^2 = 2,0$  (Sair) e  $x^2 = 77,52$  (Artificial). A classe é composta por termos como “Artificial” ( $x^2 = 77,52$ ), “Signal” ( $x^2 = 69,37$ ), “Pessoa” ( $x^2 = 63,02$ ), “Inteligência” ( $x^2 = 54,18$ ), “Bots” ( $x^2 = 37,74$ ), “Videoconferência” ( $x^2 = 32,03$ ), “Telegram” ( $x^2 = 28,44$ ), “Tela” ( $x^2 = 26,79$ ) e “Criptografia” ( $x^2 = 24,04$ ).

Na análise realizada verificou-se que estão matérias dedicadas a novidades de processos e produtos nos serviços de tecnologia, destacando o Telegram, Wikipedia, TikTok, Netflix e Google. Também são incluídos os problemas com os quais usuários se deparam ao utilizar alguns aplicativos e serviços por conta de seus desdobramentos. Esses aspectos podem ser observados nos exemplos:

O problema, embora a **inteligência artificial** melhore sua eficácia contra boatos, é que os criadores dessas informações falsas continuarão refinando a técnica. Nas palavras de Baeza-Yates, será como os vírus informáticos: todo ano aparece um novo que não sabemos como desativar. “Trata-se de uma batalha eterna entre maus e bons. Como com a evasão fiscal. Sempre há um subterfúgio pelo qual a desinformação acabará se infiltrando”.

Caberia perguntar por que essa hipotética mulher não liga seu computador e escreve ela mesma as biografias. A possibilidade existe. “Mas não o ambiente”, rebate María Sefidari, presidenta da Fundação Wikimedia. “É certo que, na teoria, qualquer pessoa com um computador e uma conexão (o que em si é limitante) pode editar na **Wikipedia**”, reflete. Mas não se mudam esses papéis em poucos anos.

Vale ressaltar a presença da palavra “videoconferência” que aparece com o  $x^2 = 32,03$ . Considerando que o corpus textual é de um período em que surgiu o vírus que causou a pandemia de Covid-19, evidencia-se com ela, o uso de uma ferramenta que se tornou muito usual para uma nova forma de trabalho, estudo e interações. A cobertura do El País a esse respeito versa, em sua maioria, sobre os malefícios da videoconferência, como pode ser visto nos exemplos:

Sequestro machista de **videoconferências** tenta calar as mulheres na política brasileira.

Alguns especialistas alertam que o uso de ferramentas para **videoconferências** aumenta o nível de estresse dos participantes.

Esses especialistas se referem às chaves de comunicação que se perdem em uma **videoconferência**, como o tom de voz, uma parte das expressões faciais e os gestos físicos.

### ***Classe 2 - Dados e Privacidade***

Compreende 13,55% ( $f = 245$ ) do corpus analisado. Constituída por palavras no intervalo entre  $x^2 = 2,1$  (Blog) e  $x^2 = 398,27$  (Dado). A classe é composta por termos como “Dado” ( $x^2 = 398,27$ ), “Informação” ( $x^2 = 170,44$ ), “Proteção” ( $x^2 = 166,76$ ), “Hacker” ( $x^2 = 57,7$ ), “Privacidade” ( $x^2 = 57,65$ ), “Vazamento” ( $x^2 = 44,89$ ), “Megavazamento” ( $x^2 = 44,83$ ) e “Hackers” ( $x^2 = 41,99$ ).

Na análise realizada verificou-se que estão matérias dedicadas ao controle de informações pessoais na rede, e crimes digitais como a invasão e sequestro de sistemas. Os exemplos a seguir ilustram isso:

Nesta sexta, o Senado aprovou um projeto que adia para o ano que vem a vigência da Lei Geral de Proteção de **Dados** (LGPD), que entrará em vigor em agosto deste ano.

‘**Hackers**’ atacam cadeia de fornecimento das vacinas contra a covid-19.

Rede de invasores tentou roubar **dados** de empresas relacionadas à cadeia de frio.

Diversas companhias já foram vítimas de um golpe em que cibercriminosos invadem os sistemas, sequestram os **dados** e deixam a rede interna criptografada.

Também se observou a atenção à cobertura de segurança digital, com enfoque a notícias de vazamentos de informação maciços que ocorreram em 2020.

Um **megavazamento** de **dados** pessoais de 223 milhões de brasileiros tornado público na semana passada pela empresa de segurança digital PSafe pode ser o maior na história do país e tem tudo para ser a primeira prova de fogo da Autoridade Nacional de Proteção de Dados (ANPD), criada a partir da entrada em vigor da Lei Geral de Proteção de **Dados** (LGPD) em agosto do ano passado.

Para a OAB, o **vazamento** “submete praticamente toda a população brasileira a um cenário de grave risco pessoal e irreparável violação à privacidade e precisa ser investigado a fundo pelas autoridades competentes”, em particular a ANPD.

### *Subcorpus B – Poder e tecnologia*

#### *Classe 3 - Autoridades e redes sociais*

Compreende 22,5% ( $f = 415$ ) do corpus analisado. Constituída por palavras no intervalo entre  $x^2 = 2,3$  (Coronavírus) e  $x^2 = 234,35$  (Trump). A classe é composta por termos como “Trump” ( $x^2 = 234,35$ ), “Presidente” ( $x^2 = 112,67$ ), “Twitter” ( $x^2 = 108,0$ ), “Facebook” ( $x^2 = 99,96$ ), “Zuckerberg” ( $x^2 = 84,54$ ), “Donald” ( $x^2 = 62,6$ ), “Ódio” ( $x^2 = 59,61$ ) e “Liberdade” ( $x^2 = 59,61$ ).

A análise desvelou matérias que colocam o então presidente dos Estados Unidos da América, Donald Trump, em discussões sobre seu uso de redes sociais, mais especificamente do Twitter, além de suas afirmações sobre as mesmas, como se pode ver nos exemplos abaixo:

Censurar uma plataforma não é a “reação correta” para um governo preocupado com a censura, disse o CEO do Facebook, Mark **Zuckerberg**, em resposta às recentes ameaça do **presidente** dos EUA, **Donald Trump**, de regular ou fechar as redes sociais.

Por sua vez, o Twitter decidiu este mês identificar como perigoso um conteúdo do rei das redes sociais, o presidente norte-americano Donald Trump.

O **presidente** dos Estados Unidos, **Donald Trump**, perdeu seu microfone favorito nesta sexta-feira. O **Twitter** anunciou que está suspendendo permanentemente sua conta pessoal, @realDonaldTrump, devido “ao risco de mais incitamento à violência”.

Mark Zuckerberg também é uma figura central na cobertura do El País, uma vez que o CEO e fundador do Facebook surge nas matérias como uma autoridade bilionária que anuncia decisões, entra em polêmicas e faz considerações importantes. Os exemplos a seguir exemplificam isso:

Caso faltassem motivos para **Zuckerberg** celebrar, há duas semanas o **Facebook** anunciou ter batido um novo recorde de usuários em suas plataformas, incluindo WhatsApp e Instagram: 3 bilhões.

Ninguém parecia capaz de fazer Mark **Zuckerberg** retificar sua política de permissividade com o conteúdo tóxico no Facebook.

“Vamos precisar que todos nos digam onde estão trabalhando e vamos ajustar o salário à sua localização. É importante para a contabilidade e no aspecto fiscal. Haverá consequências sérias para quem não for honesto nisto”, advertiu **Zuckerberg** aos seus empregados.

Seu colega do Facebook, Mark **Zuckerberg**, também entrou na polêmica e atacou Dorsey em uma entrevista na rede de televisão Fox. As empresas de tecnologia, disse, “não deveriam ser o árbitro da verdade de tudo o que as pessoas dizem na Internet”.

#### ***Classe 4 – Governos Nacionais e regulamentações tecnológicas***

Compreende 31,97% ( $f = 578$ ) do corpus analisado. Constituída por palavras no intervalo entre  $x^2 = 2,5$  (Antigo) e  $x^2 = 111,58$  (Governo). A classe é composta por termos como “Governo” ( $x^2 = 111,58$ ), “Chinês” ( $x^2 = 69,37$ ), “Mercado” ( $x^2 = 63,02$ ), “Americano” ( $x^2 = 54,18$ ), “Unido” ( $x^2 = 37,74$ ), “Dólar” ( $x^2 = 32,03$ ), “Gigante” ( $x^2 = 28,44$ ), “Nacional” ( $x^2 = 26,79$ ) e “Investimento” ( $x^2 = 24,04$ ).

Na análise realizada, nota-se que na classe estão presentes matérias que cobrem notícias sobre compras de serviços tecnológicos por governos nacionais e normatizações dos serviços de tecnologia, como é exemplificado:

Exigem que seus componentes já sejam utilizados no Reino Unido a partir de 2023, e que se force também a substituição imediata de sua tecnologia nas redes 3G e 4G. O **Governo** considerou suficientemente seguras estas últimas, permitindo que continuem em funcionamento.

O **Governo** nunca criou diretrizes e deixou as operadoras se regularem —na cartilha liberal da economia— desde que adquirissem equipamentos legalizados.

Também foi observada a presença da China enquanto uma potência presente em corridas tecnológicas em que os Estados Unidos também participam:

Mas o veto aos aplicativos chineses marca uma posição para o futuro. “O sinal dado aqui pela Índia é de que claramente se alinha com os Estados Unidos. Isto tem implicações muito amplas, porque dentro da concorrência global que há entre os Estados Unidos e a **China** o espaço digital é um dos principais domínios de confrontação”, aponta o pesquisador do Elcano.

A disputa por uma nova banda de comunicação no mercado tecnológico tem as duas nações mais ricas do mundo em posições de confronto: os Estados Unidos e a **China**.

A classe analisada também é marcada por matérias que destacam os valores de investimentos por parte de pessoas, governos e empresas de tecnologia. O dólar é a moeda que é injetada em diversas operações relacionadas à tecnologia e usada para estimar valores de grandes empresas, como é exemplificado abaixo:

Outros, aplicando na GameStock instrumentos mais complexos e de mais risco para multiplicar seu dinheiro, inclusive se vangloriam de lucros muito maiores, transformando 50.000 **dólares** em 23 milhões. A festa parece não ter fim.

Intel e Qualcomm também se somaram como investidores, com 253 milhões e 97 milhões de **dólares**, respectivamente.

#### 4.2. Análise das chamadas nos posts do Facebook do El País Brasil

O *corpus* foi constituído por 63 textos separados em 83 STs. Emergiram 2.832 ocorrências (palavras, formas ou vocábulos), sendo 1.305 palavras distintas e 993 com uma única ocorrência.

As chamadas em posts do Facebook são estruturadas em textos curtos somados a uma imagem e ao título do conteúdo. Com elas, os gestores de redes sociais buscam chamar a atenção para o conteúdo que se encontra em outra página que pode ser um blog ou portal. Contudo, esse tráfego nem sempre alcança índices numerosos e, mesmo nas páginas do conteúdo principal, apenas 2 a cada 10 pessoas leem além da manchete<sup>5</sup>. Por essas razões se faz necessário analisar também as chamadas dos posts no Facebook.

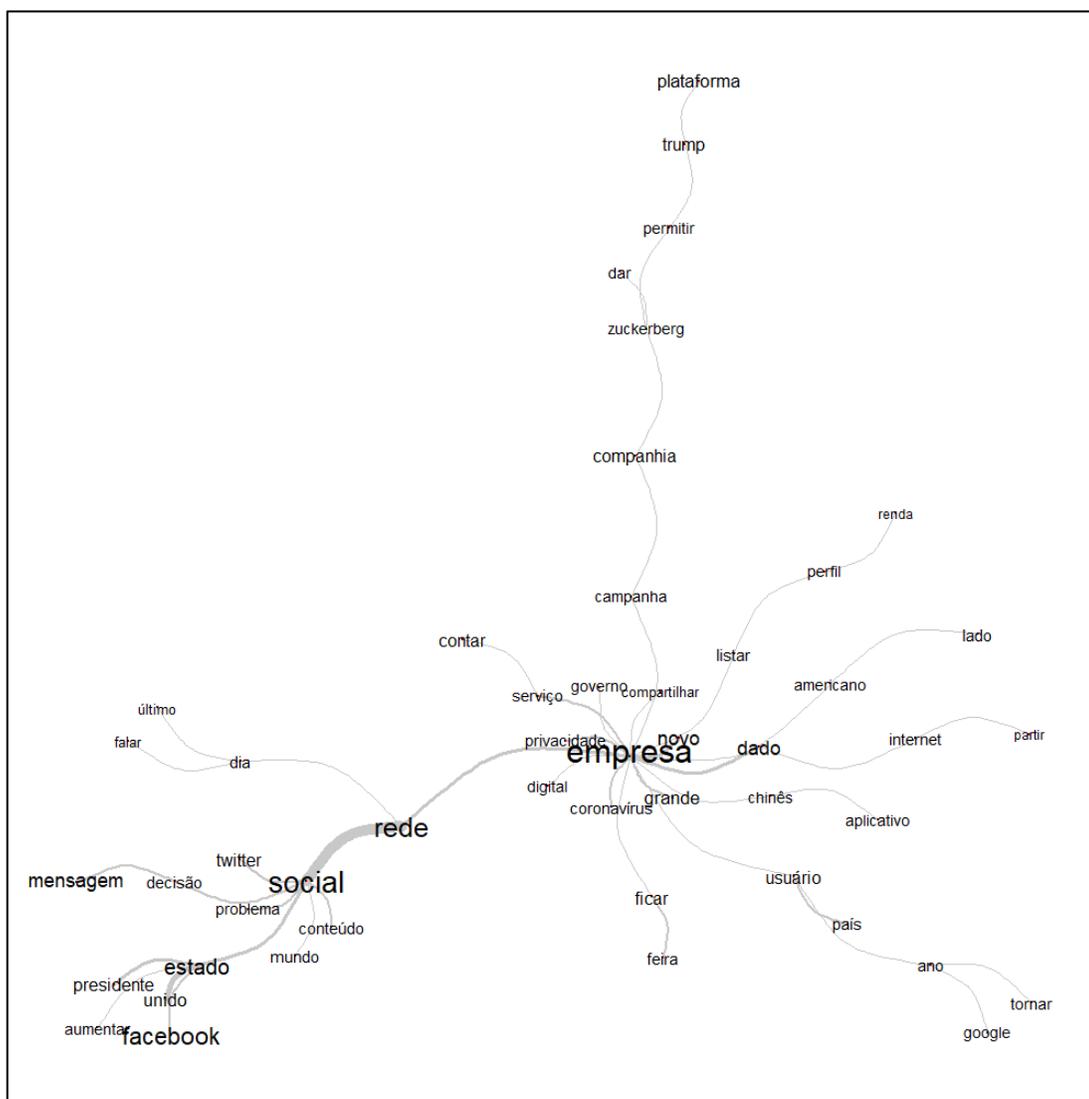


**Figura 06:** Nuvem de Palavras dos posts do El País Brasil – Substantivos, adjetivos e verbos  
**Fonte:** IRaMuTeQ

<sup>5</sup> Afirmando pelo portal Copy Blogger. Disponível em [www.copyblogger.com/magnetic-headlines/](http://www.copyblogger.com/magnetic-headlines/). Acesso em 24/03/2021.



Na comparação com o resultado obtido com a Nuvem de Palavras dos textos das matérias, percebemos que as chamadas nos posts do Facebook são fiéis aos dos conteúdos principais, uma vez que trazem as mesmas palavras com maior ocorrência. Isso pode ser visto na Figura 06 em que os termos ativos são substantivos, adjetivos e verbos, na Figura 07 em que apenas adjetivos estão ativos e na Figura 08 em que as palavras em destaque são substantivas.



**Figura 09:** Análise de Similitude dos posts – Substantivos, adjetivos e verbos

**Fonte:** IRaMuTeQ

Na Figura 09 representamos a análise de similitude feita nas chamadas dos textos do Facebook do El País Brasil com o limite de 50 palavras. Percebe-se maior ramificação para a palavra “empresa” com uma variada classe de palavras morfológicas e semânticas. Aqui, além dos verbos que sugerem um espaço empresarial ativo, substantivos como “governo”, “americano”, “chinês” e “país” sugerem uma relação em que o âmbito privado e o público precisam se relacionar enquanto organizações distintas objetivando seus interesses.

Para os textos dos posts do El País Brasil no Facebook não foi realizada a CHD, uma vez que, ao segmentar textos e seus vocabulários, não houve a retenção mínima de 70% de STs, somando apenas 67,47%. Com esse número abaixo do recomendado, o material não se torna representativo para a análise.

#### **4.3. Análise dos comentários na página do Facebook do El País Brasil**

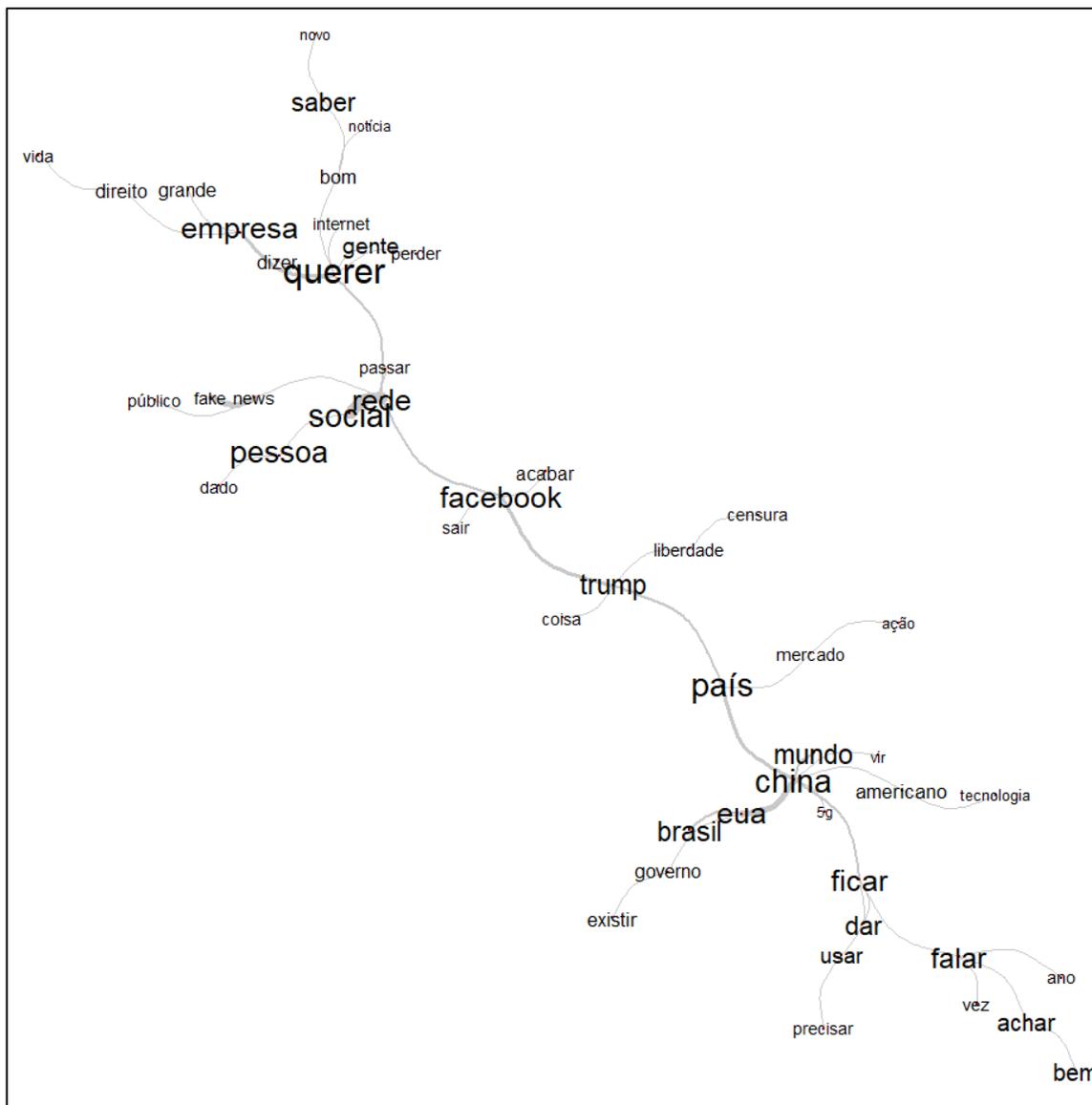
O *corpus* foi constituído por 679 STs. Emergiram 24.305 ocorrências (palavras, formas ou vocábulos), sendo 5.764 palavras distintas e 3.626 com uma única ocorrência.

Considerando como ativos os substantivos, adjetivos e verbos, criamos a Nuvem de Palavras dos comentários de usuários do Facebook na página do El País Brasil sendo que o mínimo de ocorrência dos termos é de 10 vezes. Percebemos que, para além dos termos mais salientes nas reportagens, são evocadas uma maior variedade de palavras que nos textos das matérias do El País Brasil, como pode ser observado na Figura 10.





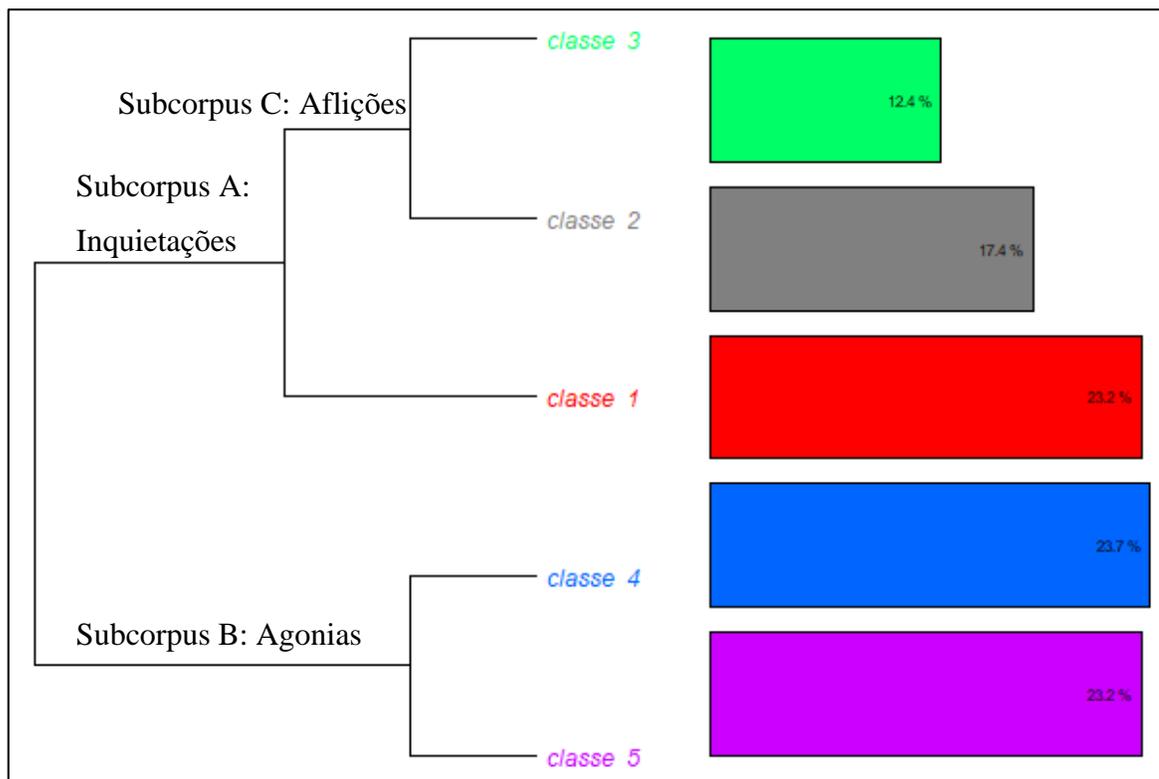




**Figura 13:** Análise de Similitude dos comentários – Substantivos, Adjetivos e Verbos

**Fonte:** IRaMuTeQ

A próxima análise é a CHD, que segmenta textos e seus vocabulários e forma um esquema hierárquico de classes de vocabulário. Mantivemos ativos os substantivos, adjetivos e verbos. Foram aproveitados 603 STs do total de 679, totalizando 88,81% de STs. Emergiram 24.305 ocorrências de palavras, sendo 5.764 palavras distintas. O conteúdo analisado foi categorizado em cinco classes: Classe 1 (23,2%), Classe 2 (17,4%), Classe 3 (12,4%), Classe 4 (23,7%) e Classe 5 (23,2%) como mostra a Figura 14.



**Figura 14:** Dendrograma dos comentários no Facebook – Substantivos, adjetivos e verbos  
**Fonte:** IRaMuTeQ

As cinco classes se encontram subdivididas em duas ramificações, A e B. O subcorpus A, denominado “Inquietações”, é composto pela Classe 1 - “Incriminações”, que se refere a discursos de culpabilidade a líderes de governo e empresas, e por duas classes parte do Subcorpus C, chamado de “Aflições”. Desse último subcorpus fazem parte a Classe 2 – “Vigilâncias”, em que emergem discursos de angústia relacionados à maneira como a vida das pessoas são controladas e a Classe 3 – “Desassossegos”, que se refere a percepções ruins sobre governos. Há ainda o Subcorpus B chamado de “Agonias”, composto pelo subcorpus da Classe 4 - “Críticas”, com discursos que apontam para problemas no status quo, e da Classe 5 – “Desgostos”, com decepções com o poderio nacional e mundial.

### *Subcorpus A – Inquietações*

#### *Classe 1 – Incriminações*

Compreende 23,22% ( $f = 140$ ) do corpus analisado. Constituída por palavras no intervalo entre  $x^2 = 2,31$  (Bastar) e  $x^2 = 56,29$  (Crime). A classe é composta por termos como “Crime” ( $x^2 = 56,29$ ), “Ódio” ( $x^2 = 52,8$ ), “Rede” ( $x^2 = 47,78$ ), “Censura” ( $x^2 = 47,17$ ), “Expressão” ( $x^2 = 43,94$ ), “Liberdade” ( $x^2 = 38,29$ ), “Fake” ( $x^2 = 34,82$ ), “Direito” ( $x^2 = 30,58$ ), “Mentira” ( $x^2 = 28,8$ ) e “Social” ( $x^2 = 24,68$ ).

Na classe estão presentes discursos que colocam ações de empresas de tecnologia e líderes governamentais como atos reprováveis e danosos aos usuários de serviços tecnológicos. Essas ações são colocadas como crimes que, muitas das vezes, não são reconhecidos, como mostram os exemplos abaixo:

Isto vai virar **crime** já esta em votação no Congresso isto ilegal eles instalam um aplicativo que fica escondido nas configurações e tem o controle total sobre o smartphone podendo a acessar todas as contas e até usar o teclado do celular.

DONO DO FACEBOOK É ULTRAREPLUBLICANO, COMETEU **CRIME** PRA ELEGER DONALD TRUMP, ESPIONANDO E A ANALISANDO DADOS DE ADVERSÁRIOS E ATÉ AJUDANDO A FEKE NEWS SE ESTABELECEER NA REDE A FAVOR DE TRUMP NA ELEIÇÕES PASSADA PRA PODER MANIPULAR RESULTADO ?!

Este software usado pelos governos para hackear celulares pode ser usado por criminosos dentro dos próprios governos para cometer **crimes** como estelionato, extorsão, espionagem industrial, podem ter hackeado os telefones de juízes, delegados, advogados, políticos, Generais isto é muito grave

A análise evidenciou também preocupações com o que os usuários do Facebook chamam de discursos de ódio, que é evocado por outros usuários que usam as redes sociais e também fora delas:

As redes sociais são armas perigosíssimas nas mãos de quem não sabe usá-las. Tomara que consigam mesmo coibir todo esse **ódio** e intolerância sem limites!

Todo populismo ou ditadura, de esquerda, direita, militar ou religioso, são radicais e se alimentam da ignorância, da corrupção, do medo, da violência e do **ódio** que plantam e disseminam, o Brasil está formatado para ser traído, subtraído e dividido na geopolítica mundial.

O **ódio** aumenta minuto a minuto, este homem é horrível

Também é levantada pelos usuários discussões sobre a censura que é implantada pela administração de redes sociais a contas de líderes de democracias. As opiniões se divergem entre usuários que apoiam reprimendas ao que que é exposto por presidentes de nações em determinadas redes sociais e usuários que não concordam com a atuação das gestões em barrar discursos e pensamentos. A maioria está no último grupo, como é ilustrado nos exemplos a seguir:

Traduzindo: A era da **censura** na internet está chegando.

Bem, a rede social é do Marck, ele faz o que quiser, mas decidir o que eu posso ver é um troço escroto e sabemos que só favorece a censura em larga escala A pergunta então é: O que quererem **censurar**? Enfim, nem só de Facebook viverá o internauta.

Eu fui para telegram não sou nem da direita nem da esquerda, mas acredito muito na liberdade de expressão, e me desculpem mas a **censura** da conta do Trump foi totalmente contra um dos meus valores. Também saí do Twitter e fui para Parler.

Contudo, também emergiram discursos que incriminam os presidentes do Brasil e dos Estados Unidos de espalharem *fake news* nas redes sociais, perpassados por sentimentos de impunidade:

Mark Zuckerberg anunciou hoje que Donald Trump está banido indefinidamente do Facebook e do Instagram. Espero que faça o mesmo com Bolsonaro, os filhos dele, e todos os milicianos que controlam as redes de **fake** news no Brasil. Aliás, por que não pedir isso na página dele?

Se forem combater as **fake** News aprovo só espero que não comecem a excluir vídeos imagens por direitos autorais daí acabou de vez o Facebook pra mim

**Fake** news é crime!!!!

Não se pode divulgar nas redes públicas **fake** news, mentiras e difamação com dinheiro público.

### *Subcorpus C – Aflições*

#### *Classe 2 – Vigilâncias*

Compreende 17,41% ( $f = 105$ ) do corpus analisado. Constituída por palavras no intervalo entre  $x^2 = 2,03$  (Governo) e  $x^2 = 32,89$  (Internet). A classe é composta por termos como “Governo” ( $x^2 = 32,89$ ), “Sério” ( $x^2 = 23,91$ ), “Mente” ( $x^2 = 23,91$ ), “Envolver” ( $x^2 = 23,91$ ), “Saúde” ( $x^2 = 22,97$ ), “Engraçado” ( $x^2 = 22,97$ ), “Vida” ( $x^2 = 21,7$ ), “Político” ( $x^2 = 19,4$ ), “Defesa” ( $x^2 = 18,31$ ) e “País” ( $x^2 = 17,96$ ).

A análise revelou discursos dos usuários do Facebook que versam sobre questões problemáticas que a Internet, atravessada pela política, traz para as vidas das pessoas, como é demonstrado nos exemplos abaixo:

Assistam o filme " O Dilema das Redes" que vocês terão uma ideia de manipulação na **internet**. Os próprios criadores não deixam seus filhos navegarem em redes sociais.

Ilusão, a **internet** é incontrolável. Controla um App aparece outro no lugar.

Deveria ser banido para sempre. E de todo jumento que bosteja pela **internet** tbm.

A análise também mostrou sentimentos relacionados ao cuidado com a vida que, para os usuários do Facebook, não é um bem controlado pelas próprias pessoas e, sim parte do mecanismo de empresas e economia, como é exemplificado:

A Google nos espionam há anos, sabem o que comemos, onde vivemos, onde trabalhamos, nossa renda, se temos filhos, animais domésticos, problemas de saúde e vícios. Ou seja, nossa **vida** deixou de ser particular há muito tempo.

O trabalhador na visão desses selvagens que a mídia chama de "gênios", não pode ter lazer, não pode viver uma **vida** plena e em paz, tem que ser uma máquina gerando riqueza pra esses animais.

O termo “engraçado” que aparece com  $x^2 = 22,97$ , não tem o seu sentido primário que denota uma semântica positiva. Antes, a palavra surge como ironia para introduzir assuntos desagradáveis relacionados à política em meio a matérias sobre tecnologia, como é visto nos exemplos a seguir:

**Engraçado** que o Governo Americano e seus defensores falam da China e de outros Países, que não são democracias, que são comunistas, que não respeitam as liberdades individuais mais agora faz igual, proíbe seus cidadãos de ter a liberdade de baixar e verem o que quiser e ter a liberdade de se exporem a espionagem que dizem existir.

O mais **engraçado** disso tudo, é que ele aproveita todo o bem estar que a riqueza produzida pelos funcionários dele proporcionam, ele e toda a sua família. É o mesmo discursinho ridículo e corporativo de sempre.

Como é **engraçado** ver o malabarismo aqui nos comentários, para justificar a censura dos dois países (China e Rússia) só porque antagonizam com os USA, meu Deus kkkk

### *Classe 3 – Desassossegos*

Compreende 12,44% ( $f = 75$ ) do corpus analisado. Constituída por palavras no intervalo entre  $x^2 = 2,18$  (Acabar) e  $x^2 = 41,94$  (Índia). A classe é composta por termos como “Índia” ( $x^2 = 41,94$ ), “Fascista” ( $x^2 = 35,49$ ), “Pior” ( $x^2 = 35,95$ ), “Sam” ( $x^2 = 28,35$ ), “Militar” ( $x^2 = 26,97$ ), “Bozo” ( $x^2 = 22,63$ ), “Bolsonaro” ( $x^2 = 20,14$ ), “e “Presidente” ( $x^2 = 19,25$ ).

A análise mostrou discursos que mostram o país asiático, Índia, numa batalha de guerra tecnológica com a China, sem ignorarem a presença dos Estados Unidos:

A **Índia** perdendo espaço na tecnologia para seguir o atraso do grande império decadente... Essa é a grande onda de mitos fascistas que apoiam Trump e só recebem perda de soberania em troca...

A classe é mais representada por preocupações com a política. Por vezes, os usuários do Facebook não citam aspectos tecnológicos da matéria em questão para focarem em críticas a governos e aliados, como segue no exemplo:

O que temos hoje no Brasil é uma junta de generais no controle e tutela plena de todos aspectos, civis e **militares** da sociedade. Assim como foram os protetores das reformas trabalhista e da previdência, são eles que pressionam para aprovar as leis de registro de CPF em todas contas de redes sociais [...]

Esse fora **Bolsonaro** não serve de nada se foca só no **Bozo**. No Brasil, os **militares** já tomaram o poder com cara democrática.

**Bolsonaro** já é apenas um pára raio que absorve o descontentamento social, segue alimentando redes com robôs digitais (55% de suas postagens e curtidas vem daí) enquanto estes **militares** vêem o melhor momento para se livrar dele.

Com o termo “pior” de  $x^2 = 35,95$ , emergem comentários que traduzem sentimentos de que a atualidade vive um momento desagradável em virtude de seus governantes e crimes cometidos e, mais uma vez, aspectos tecnológicos levantados pelas matérias por vezes são ignorados:

Bolsonaro é o **pior** presidente da Historia do Brasil!

**Pior** é que estão usando dinheiro público e os mentores estão dentro do palácio!

Sinistro. **Pior** é saber que dentro do Palácio do Planalto, se concentra um cliente e pago com dinheiro público.

Lucros e mais lucros, essas nações só pensam em lucros num **pior** momento da nossa história atual.

### *Subcorpus B – Agonias*

#### *Classe 4 – Críticas*

Compreende 23,71% ( $f = 143$ ) do corpus analisado. Constituída por palavras no intervalo entre  $x^2 = 2,17$  (Pobre) e  $x^2 = 26,91$  (Capitalismo). A classe é composta por termos como “Capitalismo” ( $x^2 = 26,91$ ), “Achar” ( $x^2 = 24,05$ ), “Demitir” ( $x^2 = 19,49$ ), “Mês” ( $x^2 = 19,49$ ), “Robô” ( $x^2 = 17,81$ ), “Resposta” ( $x^2 = 12,95$ ), “Office” ( $x^2 = 12,95$ ), “Trabalhar” ( $x^2 = 14,49$ ) e “Sistema” ( $x^2 = 12,04$ ).

Na classe, os comentários mostram uma insatisfação com o sistema econômico estabelecido atravessada por apontamentos de que a cultura que busca o lucro destrói vidas. Também é afirmado pelos usuários do Facebook que o capitalismo é uma ordem em falência, como é mostrado nos exemplos:

Esse é o **Capitalismo** q "deu certo" enquanto milhões morrem de fome outros morrem de obesidade, se vc acha q isso é dar certo vc é tão doente quanto esse sistema vampírico q vive de sugar a vida dos mais pobres em detrimento do luxo dos mais ricos.

ROUBAR? Aí é que está, onde nós vemos a FALÊNCIA do **capitalismo**. Se essas pesquisas são um bem comum a toda comunidade Mundial onde essa maldita doença já matou centenas de milhares de pessoas, porquê esses países estão preocupados com propriedade intelectual.

Os usuários também mostram insatisfação com o capitalismo dentro da nova realidade que a pandemia de Covid-19 trouxe, em que as pessoas precisam continuar trabalhando mesmo que seja em esquema de home office.

O **Capitalismo**, com seu home office, vai destruir grande parte da sociedade, a qual vai perder seu mais forte elo: a própria sociabilidade. (E assim o capitalismo irá atingir a sua máxima: implantar o INDIVIDUALISMO na Terra toda, ou seja, "dividir" a humanidade, para reinar absoluto, pois sozinho o homem é um fraco e só "no grupo" ele é forte; e o MAIOR MEDO do **Capitalismo** é justamente a sociabilidade, que é o cerne de qualquer "revolução social")

Com um mês de empresa, recém contratado, fui jogado no home **office**, por conta do Coronavírus. A empresa não me deu suporte, minha internet falhava muito, não tenho um espaço adequado para o trabalho em casa e não tive tempo hábil para adequar um.

### *Classe 5 – Desgostos*

Compreende 23,22% ( $f = 140$ ) do corpus analisado. Constituída por palavras no intervalo entre  $x^2 = 2,04$  (Mão) e  $x^2 = 28,5$  (Grande). A classe é composta por termos e radicais como “Grande” ( $x^2 = 28,5$ ), “Empresa” ( $x^2 = 26,3$ ), “Mundo” ( $x^2 = 23,99$ ), “Banco” ( $x^2 = 20,04$ ), “Vacina” ( $x^2 = 19,11$ ), “App” ( $x^2 = 18,39$ ), “Valor” ( $x^2 = 18,39$ ), “Lucrar” ( $x^2 = 16,67$ ) e “Dado” ( $x^2 = 14,3$ ).

A análise revelou discursos referentes a insatisfações não apenas com lideranças mundiais e nacionais, mas também com a forma como as empresas agem no país:

Enquanto no Brasil as **empresas** querem viver de marketing social, festinhas, cafezinhos, etc.,, Dizem que o salário emocional é mais importante, enquanto cortam salários e benefícios... Pão e Circo..

Pra além disso, essas **empresas** estão promovendo a maior gentrificação em larga escala já vista e fazendo um estardalhaço quando tem que pagar impostos pra corrigir o mau que produzem.

Os usuários são mais importante que as **empresas**. Se o público boicotar aí sim seria um problema... bem maior.

Os grandes líderes mundiais, mais uma vez, são mostrados com um papel negativo, de antagonistas ao que o povo deseja, e são demonstrados por usuários sentimentos de serem trocados por lucros e monetização:

No fundamental, continuam entregando recursos naturais e **empresas** brasileiras para os patrões estrangeiros, destroem os empregos e direitos trabalhistas do peão e seguem com a superexploração num país que pode chegar a ter 40 milhões de desempregados e o resto devendo a vida aos **bancos**.

Se é de graça o produto é você. Nada é de graça neste **mundo** digital.

Os Jornais tudo do lado dos tubarões do mercado, postando fake news e não mostrando a verdade para o público, porque não fala das corretoras que proibiram a compra das ações da GameStop e das manipulações do mercado.

## 5. COMPARAÇÃO DE RESULTADOS: INTERAÇÃO PÚBLICO E MÍDIA

O portal do El País Brasil com sua editoria de Tecnologia, traz matérias variadas, mas com um foco maior em redes sociais e movimentações econômicas no âmbito tecnológico. Na análise de CHD, que trouxe grupos de ideias e discursos para serem analisados, o corpus apresentou dois subcorpora. O primeiro, que chamamos de “Inteligências Artificiais”, é composto por duas classes – 1 e 2.

A classe 1, que trata de “Algoritmos e Internet”, apresenta matérias sobre serviços e inovação tecnológicos, sendo que, por vezes, mostram nas reportagens os problemas que os usuários tem ao utilizar alguns desses serviços.

A classe 2, “Dados e Privacidade”, abarca matérias em que a segurança digital é discutida, perpassando por questões de controle de informações pessoais nas redes.

O segundo subcorpus, que denominamos “Poder e tecnologia” também apresenta duas classes – 3 e 4.

A classe 3, “Autoridades e Redes Sociais”, traz matérias em que o então presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, é colocado como centro de embates sobre seu uso em redes sociais, mais especificamente do Twitter. Nela também está a cobertura sobre as atuações e decisões do fundador e CEO do Facebook, Mark Zuckerberg.

A classe 4, “Governos Nacionais e regulamentações”, abrange matérias em que compras de produtos e serviços tecnológicos são notícia, além das que mostram valores de investimento no setor tecnológico. Há também matérias que mostram a China como potência na inovação em tecnologia.

Consideramos, além dos textos das matérias, analisar brevemente os posts relacionados às reportagens do El País Brasil no Facebook, uma vez que é grande o número de pessoas que apenas leem as chamadas na rede social, sem clicar no hiperlink que as leva para o conteúdo principal. Os textos dos posts revelaram uma proximidade grande, em relação a seu conteúdo, com os das matérias. Isso pode ser visto com uma ocorrência parecida de termos nas nuvens de palavras e na análise de similitude.

Considerando os comentários dos usuários do Facebook nos posts que levam às matérias, na análise de CHD, emergiram dois subcorpora. Para o subcorpus A, que chamamos de “Inquietações”, temos a Classe 1, “Incriminações”, em que surgem comentários tratam governos

e líderes de empresas como criminosos por suas ações, incluindo as de discursos de ódio. Há na classe opiniões divergentes sobre censuras em redes sociais e acusações de espalhamento de notícias falsas por parte de presidentes e aliados.

Ainda no subcorpus A, há o subcorpus C dividido entre Classes 2 e 3. Na classe 2, “Vigilâncias”, encontramos preocupações sobre o controle que serviços tecnológicos podem exercer na vida das pessoas. Na classe 3, estão insatisfações com a atualidade política.

No Subcorpus B, que chamamos de “Agonias”, há a Classe 4, “Críticas” em que foram revelados comentários com opiniões negativas sobre o capitalismo. Na Classe 5, chamada de “Desgostos”, notamos sentimentos negativos em relação a empresas de tecnologia, com julgamentos de que as mesmas se preocupam apenas com lucros.

Comparando as reportagens da editoria de Tecnologia do portal El País Brasil e os comentários de usuários do Facebook nos posts que levam às matérias do jornal on-line, observamos discursos de conformidades, contrapontos e transcendência.

As conformidades são encontradas quando os comentários versam sobre a Internet. O El País Brasil traz matérias sobre serviços novos e antigos, que não passam despercebidos pelos usuários que emitem suas opiniões sobre o assunto no Facebook. O portal também enfoca autoridades políticas em relação com tecnologia, o que é também muito evocado nos comentários analisados.

Há contrapontos entre as matérias e os comentários quando os usuários mostram opiniões divergentes ao que é noticiado no portal, como em relação à censura direcionada ao presidente Donald Trump em redes sociais.

Os comentários também transcendem o que é exposto nas matérias ao ignorarem os aspectos tecnológicos de matérias para debaterem política. Os usuários demonstram muito de sua insatisfação com o momento político atual, expondo opiniões que, muitas das vezes, vão além do que a matéria sobre tecnologia traz.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho é o de investigar o enquadramento que o Jornal El País faz em sua editoria de Tecnologia e suas implicações em um público que se manifesta em comentários na fanpage do portal no Facebook.

Considerando o caráter metodológico da pesquisa, o estudo também se interessou em demonstrar algumas das possibilidades que as funcionalidades do software IRaMuTeQ apresentam para o desenvolvimento das Humanidades Digitais e de metodologias menos convencionais.

O tratamento dos dados e a análise baseada em Nuvem de Palavras, Análise de Similitude e Classificação Hierárquica Descendente (CHD) produzidos pelo IRaMuTeQ permitiu que fossem observadas características em torno dos textos do El País Brasil e dos comentários dos usuários do Facebook. Percebemos que o El País Brasil, em sua editoria de Tecnologia, traz matérias que não se pautam apenas em descrições e apresentações de produtos e serviços tecnológicos, uma vez que o portal traz, em seus textos, aspectos relacionados aos usuários e a impactos sociais e políticos.

Os comentários de usuários do Facebook nos posts do El País revelaram uma compatibilidade com as questões sociopolíticas levantadas pelo jornal ao tratarem de tecnologia. As opiniões são, em sua maioria, parecidas e revelaram um mal-estar relacionado às matérias. Isso fica claro com os nomes dados às classes que partiram das análises de CHD, sendo elas: “Inquietações”, “Vigilâncias”, “Desassossegos”, “Críticas” e “Desgostos”. As terminologias revelam uma semântica negativa e estão alinhadas com o que foi encontrado em cada categoria.

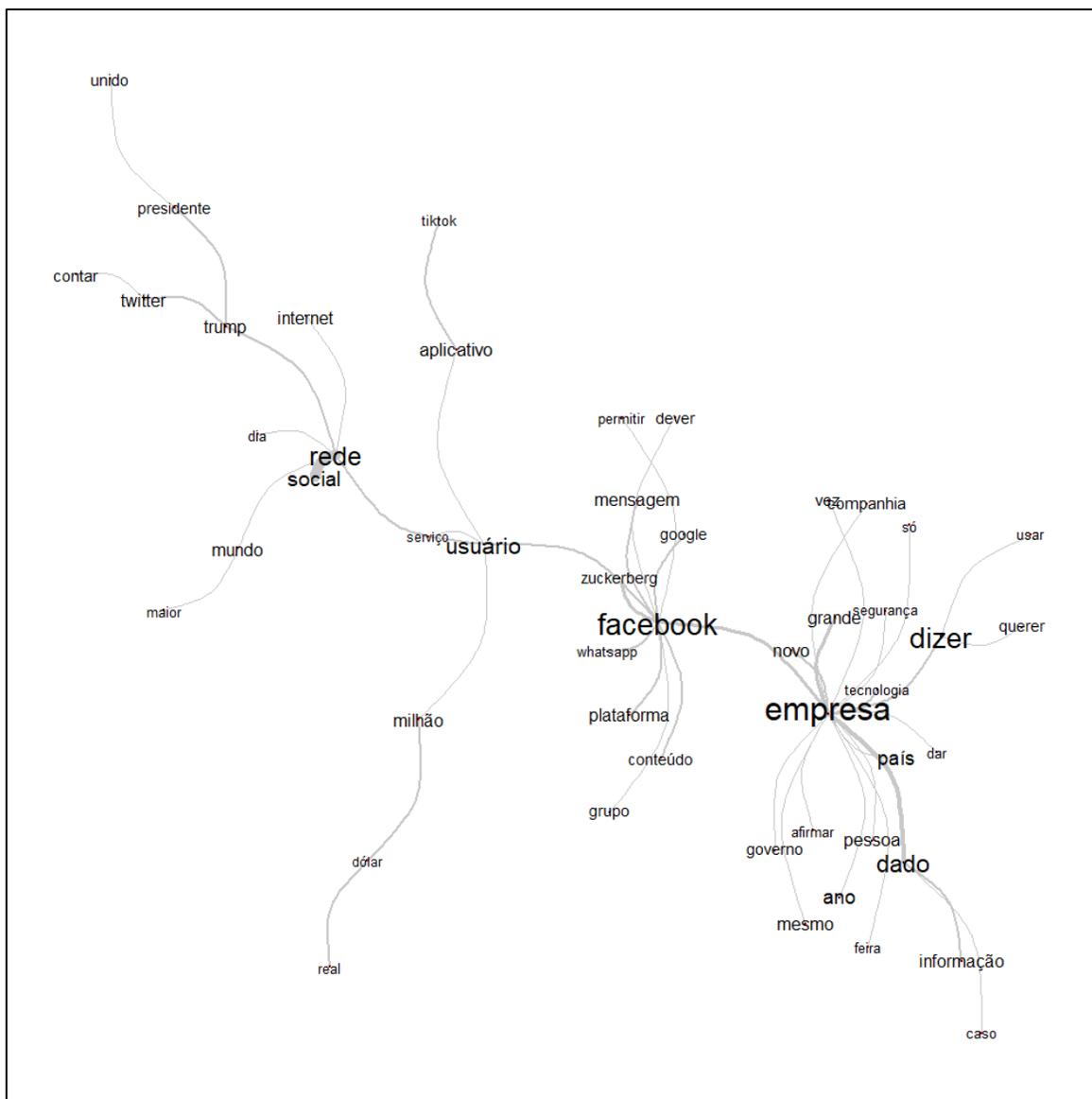
Comparando a Análise de Similitude das reportagens e dos comentários, podemos fazer algumas considerações a respeito de como se apresentam o enquadramento noticioso e o interpretativo respectivamente, além de percebermos as suas nuances de distopia.

Na Figura 04, que se refere às reportagens, a análise mostra a aproximação de “Trump” com redes sociais. Na Figura 13, que se refere aos comentários, podemos observar que “Trump” está relacionado a “censura” e “liberdade”. Como afirma Bruno (2008, p.11), a coleta de dados é parte da vigilância digital e as redes sociais estão intrincadas nos mecanismos de monitoramento e coleta de dados individuais. É importante destacar que o controle e vigilância são componentes do que entendemos como distopia.

Enquanto “Facebook” surge relacionado a termos como “plataforma”, “conteúdo” e “mensagem” nas reportagens (Figura 04), nos comentários, o termo é ramificado com os verbos “acabar” e “sair”, apontando para um desconforto em relação à rede social e à vontade de vê-la extinta (Figura 13).

Nas reportagens “usuário” aparece relacionado a aspectos financeiros e aos serviços de aplicativos (Figura 04). Por outro lado, nos comentários, ao invés de “usuário” - termo que coloca o indivíduo como um ator que usufrui de produtos -, emergem termos como “pessoa” e “público”, que remetem à ideia de humanização, e que são ramificados com “fake”, “news”, “passar”, “dado”, “rede” e “social” (Figura 13). Com o termo “usuário”, encontramos um componente da distopia que se ancora na ideia da tecnificação do homem em detrimento de “pessoa” e “público”.

Nas reportagens, os verbos se relacionam com “rede”, “social” e “empresa” (Figura 04). Já nos comentários, os verbos se ramificam com “mundo”, “China”, “EUA”, “Brasil” e “governo” (Figura 13). Os verbos mostram essas categorias como entidades ativas. Nas distopias ficcionais, o Estado atua de forma efetiva atuando no campo de escolhas dos indivíduos a um modo similar à de empresas que buscam um ser humano que seja, antes de tudo, consumidor.



**Figura 04:** Análise de Similitude dos textos do El País Brasil – Substantivos, adjetivos e verbos.  
**Fonte:** IRaMuTeQ



Em sínteses, compreendemos que o El País Brasil, ao tratar de tecnologia, utiliza quadros distópicos que contribuem e facilitam comentários negativos e repletos de sentimentos de descontentamento por parte dos usuários do Facebook.

Por último, percebemos que, ainda que nossa metodologia tenha utilizado uma ferramenta que produz resultados com agilidade e tenha rigor estatístico, ela é limitada na exposição de classes temáticas inferiores. Alguns temas podem ter sido reprimidos por serem de difícil visualização tanto para o software quanto para nós, enquanto pesquisadores. Outro problema está na falta de paralelismo entre a quantidade de reportagens (e seus posts) e os comentários na rede social. Em alguns posts constam mais de 100 comentários, em outros não são encontrados nenhum. Contudo, essas lacunas podem ser melhor investigadas em estudos posteriores.

## 7. REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BRUNO, F. **Monitoramento, classificação e controle nos dispositivos de vigilância digital**. Revista FAMECOS, v. 15, n. 36, p. 10-16, 20 nov. 2008.

BURDICK, Anne et al. **Digital\_Humanities**. Massachusetts: The MIT Press, 2012.

CAMPOS, Luiz Augusto. **A identificação de enquadramentos através da análise de correspondências: um modelo analítico aplicado à controvérsia das ações afirmativas raciais na imprensa**. Campinas: Opinião Pública, vol. 20, nº 3, dezembro, 2014, p. 377-406.

ENTMAN, R. M. **Framing: Toward Clarification of a Fractured Paradigm**. Journal of Communication, v. 43, n. 4, 1993, p. 51-58, 1993.

FREUD, S. **Além do princípio do prazer** [1920]. In: \_\_\_\_\_ Além do princípio do prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos. (1920-1922). Direção-geral da tradução de Jayme Braz. J. of Develop., Curitiba, v. 6, n. 2, p.9333-9345 feb. 2020.

GOFFMAN, Erving. **Frame Analysis: An essay on the organization of experience**. Boston: Northeastern University Press, 1986.

GONÇALVES, Eduardo. **Mineração de texto - Conceitos e aplicações práticas**. SQL Magazine. 105. 2012 , p.31-44.

HACKETT, Robert. **Declínio de um paradigma? A parcialidade e a objetividade nos estudos dos media noticiosos**. IN: Nelson Traquina, org., Jornalismo: Questões, Teorias e "Estórias", Lisboa: Vega, p.101-130. 1993.

HALL, Stuart. *A identidade cultural da pós-modernidade*. São Paulo: DP&A, 2006.

Hockey, Susan. **The history of humanities computing**. In S. Schreibman, R. G. Siemens, & J. M. Unsworth (Eds.), *A Companion to digital humanities* (pp. 3e19). Nova Jersey: Wiley-Blackwell, 2004.

KIRSCHENBAUM, Matthew. **What Is Digital Humanities and What's It Doing in English Departments?**. ADE Bulletin, 2010. Disponível em <https://mkirschenbaum.files.wordpress.com/2011/03/ade-final.pdf>. Acesso em 10 de fevereiro de 2021.

MACHADO, C. A. Ficção científica: utopia ou distopia? Felicidade, angústia e prazer na pós-modernidade. **Comunicação & Educação**, [S. l.], v. 18, n. 1, p. 25-34, 2013. DOI: 10.11606/issn.2316-9125.v18i1p25-34. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/69246>. Acesso em: 9 fevereiro de 2021.

MARR, B. **The 5 V's of Big Data**. In: Data Cience Central. Disponível em: <http://www.ibmbigdatahub.com/blog/why-only-one-5-vs-big-data-really-matters>. Acesso em: 16 de fevereiro de 2021.

McCOMBS, Maxwell e Donald Shaw. **The agenda-setting function of mass media**. *Public Opinion Quarterly*, Vol. 36, pp. 176-185. 1972.

MORUS, Thomas. **A Utopia**; prefácio do Prof. Mauro Brandão Lopes; tradução de Luís de Andrade. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d.

NUNES, Diogo Cesar. **O Futuro como História**: utopia e ficção científica. In: XXVI Simpósio Nacional de História, 2011, São Paulo. Anais do XXVI Simpósio Nacional da ANPUH - Associação Nacional de História. São Paulo: ANPUH-SP, 2011.

PORTO, Mauro. **Enquadramento da mídia e política**. XXVI Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais. Caxambu, 2002.

RODRIGUES, Elsa Margarida. **Ecos do mundo zero: guia de interpretação de futuros, aliens e ciborgues**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012.

RECUERO, Raquel. **Análise de redes sociais para mídia social**. Porto Alegre: Sulina, 2018.

RODRIGUES, Adriana Alves e Guilherme Ataíde Dias. **Perspectivas do Big Data na Sociedade do Controle**: uma análise dos processos informacionais. IN: *Transmutações no Jornalismo*. Campina Grande-PB: EDUEP, 2016.

SCHÄFER, M. T., E VAN ES, K. . **The datafied society: Studying culture through data**. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2017.

SILVA, Alexander Meireles da. **Sobrevivendo ao Inferno: Contra-narrativas Utópicas nas Distopias de Margaret Atwood e Octavia E. Butler**. Disponível em [http://www.pgletras.uerj.br/bancoteses\\_mlli.php](http://www.pgletras.uerj.br/bancoteses_mlli.php). Acesso em 03 de março de 2021.

THATCAMP, e Dacos, Marin. (trad.). **Manifesto das digital humanities**. Paris: ThatCamp. 2010. Disponível em www: <http://tcp.hypotheses.org/497>. Acesso em 08 de março de 2021.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo – Volume 1**: Porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2005.

TUCHMAN, G. **Making News: A Study in the Construction of Reality**. Nova Iork: Free Pass, 1968.